

Joana da Gama (1520?-1586) teve a sorte de dispor de meios de subsistência que lhe permitiram ter uma vida relativamente independente, caso raro para uma mulher no Portugal do seu tempo. É uma das primeiras escritoras publicadas da língua portuguesa, tendo editado uma colecção de aforismos e poesias, que conheceu algum sucesso no século XVI. Contudo, ao longo dos tempos, provavelmente por se tratar de uma obra breve escrita por uma mulher, foi caindo no esquecimento. Os seus juízos, muitas vezes originais e incisivos, a sua expressão cheia de imagens vivas e pitorescas, o seu estilo espontâneo e muitas vezes elegante, a sua sensibilidade delicada revelam uma personalidade singular e merecem a atenção de todos os leitores interessados na mentalidade feminina quinhentista.

ANNE-MARIE QUINT

DITOS DA FREIRA

[JOANA DA GAMA]

DITOS DA FREIRA

Apresentação, notas e fixação de texto de
ANNE-MARIE QUINT

ISBN 978-972-9376-20-7



9 789729 376207

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

1

Centro de Estudos Clássicos
Universidade de Lisboa
Instituto de Estudos de Literatura Tradicional
FCSH/Universidade Nova

2010

Colecção: CULTURA NO FEMININO

Este é o primeiro volume da colecção "Cultura no Feminino" que se propõe publicar edições criticamente fiáveis quer de textos de autoria feminina, quer de obras relevantes para compreender a relação estabelecida entre mulheres e cultura intelectual, desde a Antiguidade até inícios do século XIX.

O objectivo da colecção consiste em disponibilizar, não só aos estudantes dos vários graus do ensino universitário mas, também, ao público interessado na história da construção dos papéis de género na Cultura Ocidental, obras que permitam entender melhor o modo como a categoria de "género" se reflectiu, na longa duração, no acesso de homens e mulheres à Cultura escrita.

VANDA ANASTÁCIO

e

INÊS DE ORNELLAS E CASTRO

DITOS DA FREIRA

[Joana da GAMA]

coleção Direcção
centro de Estudos
clássicos.

DITOS DA FREIRA

Fixação do texto, apresentação e notas

POR

ANNE-MARIE QUINT

Colecção

«CULTURA NO FEMININO»

Dirigida por: VANDA ANASTÁCIO e INÊS DE ORNELLAS E CASTRO

Comissão de Arbitragem Científica:

NIEVES BARANDA (UED, Madrid)

TOBIAS BRANDENBERGER (Universidade de Göttingen)

LISA VOLLENDORF (Universidade da Califórnia – Long Beach)



Colecção

«CULTURA NO FEMININO» 1

Ficha técnica

Título
DITOS DA FREIRA

Autor
[Joana da GAMA]

Fixação do texto, apresentação e notas
ANNE-MARIE QUINT

Colecção
«Cultura no Feminino»

Edição
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova

ISBN
978-972-9376-20-7

Depósito Legal
312524/10

Data de publicação
Junho de 2010

Tiragem
500 exemplares

Execução Gráfica
BARBOSA & XAVIER, LDA. - Artes Gráficas
Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-A e C
4700-385 BRAGA
Tel. 253 618 916 / 253 263 063 • 253 615 350
e-mail: barbosa.xavier@sappo.pt

APRESENTAÇÃO

AO LEITOR CURIOSO

A Autora

Os historiadores da literatura portuguesa que se dignam falar de Joana da Gama consideram-na um escritor menor. No entanto a sua obra, muito pessoal, surge num período decisivo no que diz respeito à promoção feminina em Portugal. Com efeito, se na poesia medieval dos *Cancioneiros* portugueses as mulheres e o amor foram temas de predilecção, não há indício nenhum da existência de mulheres poetas. No fim do século XV e no século XVI, as coisas vão mudando, conforme vão evoluindo as mentalidades. A instrução das mulheres progride, sobretudo, claro, entre as que frequentam a corte, na roda das rainhas D. Leonor, mulher de D. João II, ou D. Maria, esposa de D. Manuel I, ou ainda da Infanta D. Maria, filha mais nova de D. Manuel. Vinte-e-cinco damas, salvo erro, são nomeadas entre os 300 poetas, mais ou menos, do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516). Mas a sua produção reduz-se geralmente à proposta de *motes* para cantigas de outros, ou a respostas a desafios. As mulheres instruídas da geração seguinte pretendem ser iguais aos homens, tratam de adquirir uma cultura humanista, estudam as línguas antigas e algumas tentam viver da sua pena, escrevendo em latim¹.

¹ Algumas contemporâneas receberam uma formação em humanidades de nível superior: a jovem irmã de D. João II, a infanta D. Maria, beneficiou, ao mesmo tempo que o seu sobrinho, o príncipe D. Luís, das aulas de Fr. João Soares (BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa.

Joana da Gama, quanto a ela, não é uma dama da corte nem uma mulher muito culta. Viveu provavelmente quase toda a sua vida fora de Lisboa, no Alentejo, em Évora. Mas teve a sorte de gozar de uma independência excepcional. A primeira fonte de informação sobre esta escritora é, obviamente, a *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, que dá os seguintes detalhes:

Joanna da Gama. Naceo em a Villa de Viana do Alentejo de Pays nobres quais erão Manoel Casco, e Filippa da Gama. Como se visse livre do vinculo conjugal por morte de seu marido com quem fora casada anno e meyo anhelando a estado mais perfeito fundou na cidade de Evora hum Recolhimento intitulado do Salvador do Mundo onde recolhida com algumas companheiras de que erão as principaes Catherina de Aguiar, e Brites Cordeira observavão a Regra de S. Francisco sendo seus Directores os filhos d'este grande Patriarcha. Ao tempo, que esperava da benevolencia do Cardial D. Henrique estabilidade para o novo edificio foy demolido por sua ordem para mayor extensão do Collegio dos Padres Jesuitas ordenando às Recolhidas fossem viver em casa de seus parentes até lhe fundar outra habitação. Com excessivo sentimento deixou Joanna da Gama o lugar, que o seu espirito elegera para se dedicar a Deos, fallecendo a 21 de Setembro de 1586. Jaz sepultada na Igreja da Misericordia de Evora em sepultura propria. Compoz.

Dictos diversos postos por ordem de Alfabeto com mais algumas Trovas, Vilhancicos, Sonetos, Cantigas e Romances em que se contem sentenças, e avisos notaveis. Evora por André de Burgos 1555. 8^o.²

Outra fonte é o testamento de Joana da Gama, conservado no Arquivo da Misericórdia de Évora. Tito de Noronha, que editou a obra de Joana da Gama em 1872, indica um manuscrito conservado na Biblioteca de Évora onde é qualificada de *solteira*, embora a aprovação do testamento diga que é viúva. Talvez Tito de Noronha

Occidental: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1752, vol. III, p. 412 A); D. Leonor de Noronha (1488-1563), filha do Marquês de Vila Real D. Fernando de Menezes, teve como mestre André de Resende (BARBOSA MACHADO *op. cit.*, vol. III, p. 13 A); Públia Hortênsia de Castro (m. em 1595), disfarçada de rapaz, estudou humanidades com o seu irmão em Coimbra (BARBOSA MACHADO *op. cit.*, vol. III, p. 629 B); Joanna Vaz, filha do jurista de Coimbra João Vaz e aia de D. Maria recebeu a mesma educação que o irmão (BARBOSA MACHADO *op. cit.*, vol. II, p. 559 A). Ver C. MICHAELIS DE VASCONCELOS, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e suas Damas*, [1.^a ed. Porto, 1902], 2.^a ed. fac-similada, Prefácio de Américo Costa RAMALHO, Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994.

² D. BARBOSA MACHADO, *Op. cit.*, vol. II, p. 555 A-B.

não tenha visto os documentos citados pessoalmente, e tenha utilizado uma transcrição incompleta. Caso contrário, teria falado, com certeza, duma disposição particular do testamento, cujo original se perdeu. O texto que se encontra no Arquivo do Distrito de Évora é uma cópia, com letra muito cuidada, datada de 14 de Abril de 1597. Abre com esta declaração:

Em nome de Deos Amen. Saibão os que esta cedola e testamento, e ultima vontade virem como eu Joana da Gama beata por não fazer profissão e estar sempre na posse de minha fazenda posso testar della e por não saber a çerteza da hora em que nosso Sñr me querera levar desta vida presente sendo moradora nesta çidade de Evora estando sãa e em meu perfeito juizo e entendimento temendo a morte faço e ordeno esta minha çedola e testamento nesta maneira seguinte.

A seguir, a testadora organiza as próprias exéquias, indica os legados que destina aos seus criados, enumera as herdades que possui e as rendas delas e designa como herdeira universal a sua sobrinha Isabel da Gama. Também funda uma notável instituição que se tornará efectiva depois da morte de Isabel: ordena que se pague uma renda vitalícia a três *merceeiras* (beneficiárias de *mercê*), mulheres de 40 a 50 anos, elegidas pela sua piedade e bons costumes pelos irmãos da Misericórdia – que também serão pagos por tal missão. A obrigação das merceeiras consiste em ouvir uma missa mensal em que rezarão pela alma da sua benfeitora. No fim do documento, esta louva a amizade de sua sobrinha Isabel, encarregada de cumprir as suas últimas vontades. O auto, assinado por mão própria, tem a data de 19 de Junho de 1586. É aprovado pelo notário Pedro Borges a 1.^o de Julho do mesmo ano, com assinatura de 7 testemunhas.

Joana da Gama morreu a 21 de Setembro. A sobrinha sobreviveu-lhe onze anos. Só depois da morte de Isabel da Gama, a 9 de Abril de 1597, a Santa Casa da Misericórdia, depois de ter deliberado, aceitou o legado e o cargo de organizar as *Mercearias*. Mandou copiar o testamento num livro em que cada merceeira devia assinar o seu compromisso. A instituição funcionou ao longo de mais de três séculos: a última merceeira assinou a 5 de Junho de 1908. Quer dizer que a fortuna de Joana da Gama foi importante, e gerida com sabedoria.

O testamento não diz nada da filiação, da idade, das actividades literárias da testadora. Morta em 1586, pode ter nascido por volta de

1520. É curioso que não fale de seu marido. Mas, segundo Barbosa, só foi casada ano e meio. Designa-se a si própria como «beata». O que é certo, é que vive em casa própria, não tem filhos, administra pessoalmente a sua fazenda.

O documento, apesar da linguagem convencional e das fórmulas oficiais, revela uma personalidade muito firme, que já se nota na declaração inicial. Se a devoção da «beata» não inspira a menor dúvida, ela manifesta uma certa ostentação, perceptível nos detalhes das exéquias, em que irão, por exemplo, doze pobres com tochas acesas. Joana da Gama é uma senhora generosa, mas habituada a ser obedecida. Entre os legatários, parecem ser privilegiadas as mulheres. É visível que a testadora não quer chocar ninguém, porém, parece decidida a actuar a seu bel-prazer, o que não deixa de ser notável numa sociedade em que o modelo feminino é definido pelas virtudes de paciência, obediência e submissão. Barbosa declara que é filha de pais nobres. Não é impossível que seja aparentada com a família do navegador Vasco da Gama, natural do Alentejo. Essa origem familiar poderia explicar que tenha recebido uma certa instrução, mas ignora-se tudo da sua formação intelectual.

O facto de ter vivido em Évora não deve ser sem incidência nessa formação. Cidade provinciana, com certeza, Évora foi ao longo do século XVI muitas vezes visitada pela corte. D. Manuel tinha lá uns paços. D. João III demorou-se tantas vezes na cidade alentejana que alguns lhe chamavam D. João de Évora. O Cardeal-Infante D. Henrique fez dela a sua residência depois de ter sido nomeado arcebispo, e comportou-se como mecenas, favorecendo a literatura e as artes. Acolheu lá Jesuítas e foi fundada uma Universidade em 1558. De maneira que, apesar de situada na periferia dos grandes focos culturais que foram então Lisboa e Coimbra, Évora, se não teve tanto brilho, não ficou isolada dos centros de decisão do poder político, nem do movimento das ideias. Embora vivendo recolhida, Joana da Gama não podia ignorar a animação da cidade, ouvia falar de grandes personagens, dos artistas, dos escritores, dos estudantes e professores que frequentavam a Universidade.

A obra

Edições

A obra de Joana da Gama, apesar da sua pequena extensão, dá algumas indicações sobre a sua formação, na qual a música e a leitura desempenharam um papel importante. Dessa obra chegaram até nós duas edições do século XVI. Barbosa Machado atribui formalmente o livro a Joana da Gama. Porém nenhuma das duas edições conhecidas traz indicação de autor, lugar, editor, ou data.

Na mais completa, que se considera a primeira³, a página inicial indica apenas:

Ditos da/ freyra./ Ditos diver/sos feytos por/ hũa freyra da/ terceyra re-/ gra.
Nos qua/ es se cõtẽ sen/ tẽças muy no/ taveis, e avi/ sos naccessa-/ rios./ Com
licença

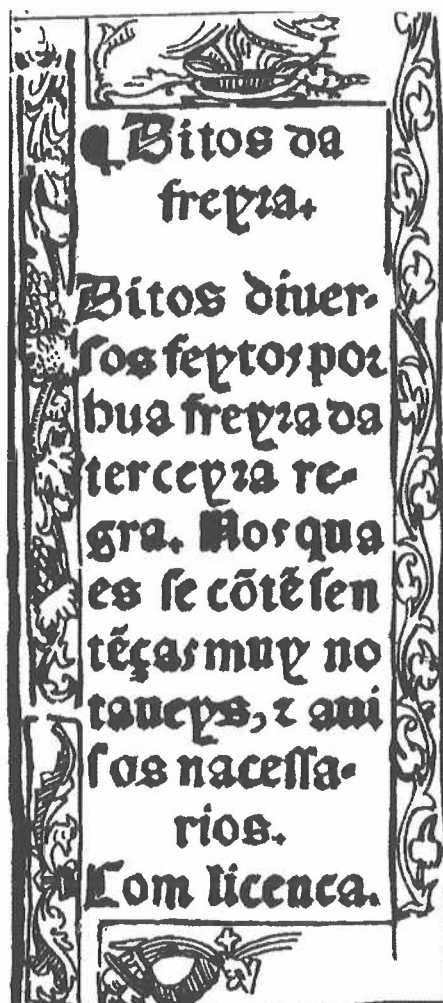
O livro vem dividido em duas partes. A primeira é uma colecção de aforismos, distribuídos por ordem alfabética de palavras-chaves, e ocupa 47 fólhos. No verso do fólho 47 começam as poesias, anunciadas pelo título seguinte: «Trovas, vilancetes & sonetos, cãtigas & romances agora novamente feytas, polo mesmo autor». O volume vem encadernado junto com um livrinho espanhol, a partir do fólho 61; também não tem numeração. É uma edição do *Alivio de caminantes* de Juan de Timoneda, que consta de 58 fólhos, e cuja página inicial indica:

Impresso em Evora en / casa de Andres de / Burgos / 1575.

Parece lógico perguntar se não virá daí a informação dada por Barbosa Machado sobre o lugar e o editor do livro de Joana da Gama. Se não viu ele próprio o volume, o seu informador pode ter-se enganado ao ler a data e confundido 1575 e 1555, apesar de os algarismos serem bem legíveis. Mas também pode ter desaparecido a informação, e terem sido encadernados juntos os dois livrinhos depois da publicação do segundo, já que tinham ambos o mesmo formato e o seu conteúdo podia parecer semelhante a um olhar pouco atento.

³ Biblioteca Nacional de Lisboa, Res. 228.

Com efeito, o aspecto formal dos contos breves de Timoneda é pouco diferente do dos aforismos de Joana da Gama, embora a sua finalidade seja outra. No entanto, os caracteres são um pouco maiores no *Alivio*, que conta 25 linhas por página em vez de 26 nos *Ditos*.



Quanto à segunda edição quinhentista, existe um exemplar na Biblioteca Pública de Évora⁴, cujo frontispício é o seguinte:

⁴ Biblioteca Pública de Évora, Res. 189D.



Os versos da autora não aparecem nesta edição. Terá sido a própria autora a responsável por esta omissão? Ou o Inquisidor? Terão os poemas sido considerados como um divertimento indigno de ser impresso ao lado de reflexões sérias? Com efeito, no Portugal do século XVI, não é raro que a poesia lírica seja impressa anos depois de ter sido composta: basta ver o caso de Sá de Miranda ou de Camões...

Os aforismos

Diferentemente da maioria das obras publicadas na época, o livro não vem acompanhado de qualquer poema preliminar, nem de dedicatória, nem de aviso ao leitor. Contém, todavia, uma apresentação do autor para o leitor, que não surge como prefácio nem como posfácio, mas aparece na letra D dos aforismos e tem por título: «Ditos do autor de si mesma». A página merece ser citada:

Estes ditos me estão ameaçando, que por eles hei de ser condenada nos juízo[s] de muitos. Se a ignorância sobeja me faz sê-lo, que tenha necessidade de perdão, daqui o peço aos que os lerem.

Assaz de muita pequice e pouca prudência, grande ousadia e alta presunção seria a minha se cuidasse que há ninguém de achar sumo ou sabor nestes ditos, pois são feitos de quem não sabe. Pera mi só os fiz por ter fraca memória.

Está adivinhado e tomado às mãos que porque as ponho neste papel, cuidarão que é pera ensinar. Eu queria aprender, que não me falta conhecimento que não sou pera dar conselho, senão pera o tomar de quem me essa esmola fizesse; eu lho agradeceria.

Minha pouca capacidade e a baixeza de meu entendimento me estão ameaçando, e me dizem que não terá culpa quem ma der em escrever estes ditos. Eu o fiz pera não me esquecerem, e comuniquei-os com minhas amigas. Elas puseram os olhos na minha tenção, pediram-mos, não lhos soube negar. Isto vai já parecendo desculpas, de que eu sou pouco.

Por conhecer minha insuficiência, corro-me de escrever cousas sotis. E quando constrangida de me pedir o desejo as quero tocar, foge-me o atrevimento, aconselha-me a razão que o não faça.

Eis um autêntico *topos* da modéstia afectada, que, segundo as leis da retórica antiga, deveria situar-se no exórdio do discurso, a fim de captar a benevolência dos juízes, neste caso dos leitores. Joana da Gama nunca assistiu, sem dúvida, a aulas de retórica, mas leu livros de devoção e ouviu sermões, o suficiente para reconhecer e utilizar este *topos*. Colocá-lo na letra D, no lugar que o parágrafo devia ocupar

em função do seu título, revela a humildade da autora, provavelmente sincera. Se aquela mulher gostava de livros, gosto de que não fala, foi bastante inteligente e lúcida para tomar consciência das próprias lacunas quando compara o que é capaz de escrever com o que lê. Aliás, sob o título «Escrever» confessa, de modo comovedor:

Vim achar na pena descanso. Nunca me dela servira se mo não ensinaram uns livrinhos que escrevi, sem saber mais letras que as do A.B.C., por fogir ao grande pego de males que é ouciosidade.

Isto esclarece, até certo ponto, a gênese da obra. Escrever é para Joana uma actividade que a apazigua. Se é verdade que escreveu mais «livrinhos», o que publica é, portanto, uma selecção, feita a pedido das suas amigas e companheiras. O caso é frequente, menos frequente porém, o tratar-se de um negócio de mulheres, que não parecem pensar nem um instante em pedir conselho a homens.

Os temas dos aforismos são muito diversos. Note-se a importância das rubricas «Amor», «Discriçam», «Molher», «Pessoas diversas», «Tempo». Do amor, dá a escritora uma visão bastante pessimista, embora admita que «até os brutos se amam» e que se trata de um sentimento irresistível. Não se afasta dos avisos comuns entre os moralistas contemporâneos: o amor é um perigo para a honra, é fonte de muitos males, afasta de Deus o pensamento, etc. O leitor chega a julgar que Joana da Gama se limita a repetir frases ouvidas nos sermões, quando de repente ela observa:

O mal que vedes em quem tendes amor, dói-vos nas entranhas, como que o tivésseis nelas.

O que amamos vai-nos parecendo cada vez melhor, não porque crece em mais perfeição, mas creceu o amor, e multiplicou-se o gosto.

Tratar-se-á de uma experiência pessoal? A autora parece implicada nestas duas frases. No primeiro caso, apesar de se dirigir a um «vós» indeterminado, ela exprime uma dor que bem pode ter experimentado. Podemos interrogar-nos sobre a natureza do «mal» do ser amado: será uma dor física, que por simpatia faz sofrer também aquele que ama? Será um mal moral, pior ainda por revelar a indignidade do amado, o que aumenta o sofrimento de quem o ama? No segundo caso, a primeira pessoa do plural, «nós», inclui, sem dúvida possível, a enunciadora, amargamente lúcida quanto à cegueira dos amantes...

O capítulo «Discrição», na verdade, podia ter sido intitulado «Discretos». Com efeito, em quase todos os itens a autora deixa de lado a palavra abstracta e louva concretamente os discretos, que provavelmente frequenta, e que opõe aos néscios. Daí surge o conceito de discrição, mistura de sabedoria, boa educação e nobreza, condição indispensável da virtude autêntica. Também chama a atenção o capítulo «Molher». Nele a escritora pondera as exigências (excessivas?) da sociedade em relação às mulheres: segundo a ideologia aristocrática do tempo, e apesar da sua fragilidade natural, são elas as depositárias da honra da linhagem. Ora Joana da Gama insiste na inclinação geral do sexo feminino à virtude:

O geral das molheres, todas têm angélicos costumes e nobres incrinações e lhe é aceita a vergonha, que onde se ela enxerga de fora, é sinal de boas obras de dentro. A estremidade de suas muitas virtudes não são divulgadas, porque elas pola sustentarem estão encerradas.

Parece nestas linhas que a autora, ao mesmo tempo orgulhosa e amarga, revela a própria maneira de assumir a sua condição. Joana não contesta o ideal feminino imposto pelos homens, pelo contrário: até certo ponto, reivindica-o. Mas ao mesmo tempo afirma que o mundo é cruel para com as mulheres, e constata que elas são impotentes para o transformar:

Sojeições estão guardadas pera as molheres, antes que as elas saibam sentir, e depois sofrem os trabalhos, com poerem os olhos nas obrigações com que naceram. E não acoimam a crueza que com elas usou o mundo, que é de muitos anos feito: não o podem emendar.

Não há rancor nestas frases, mas consciência duma injustiça frente à qual a atitude preconizada não é a resignação, mas a aceitação do destino feminino. No caso pessoal da autora, podemos pensar que a escolha, depois de viúva, da vida recolhida de «beata», deverá ter sido o meio de alcançar um espaço de liberdade.

Aliás, o seu recolhimento não implica que tenha cortado todas as relações com a sociedade. A este respeito, os capítulos «Peco e pequice» e «Pessoas diversas» são significativos. Indicam que Joana mantém vida social, encontra muitas pessoas, e é capaz de as julgar com aguda lucidez, sem grande benevolência. Até manifesta uma

liberdade de tom rara na época, liberdade que, no entanto, declara enfrear no capítulo melancólico do «Tempo»:

O tempo é de tantas mentiras, que não ousou dizer algúas verdades. Mas ele as vai mostrando, que é grande estragador de tudo, e descobre o encoberto.

Quanto ao estilo, que neste género de escrita impõe brevidade e concisão, revela em Joana da Gama um real talento de expressão. Ao correr da obra, o leitor pode ver que, quem se dissimula atrás do nome de «freira» e pretende não saber mais que o ABC conhece, porém, alguns princípios da arte de escrever: revela uma predilecção pelos anacolutos, cortes sintácticos muito frequentes no discurso oral, mas que ela utiliza conscientemente e com acerto; tem o sentido do ritmo, das fórmulas proverbiais muitas vezes ornadas de rimas, exprime o seu pensamento habilmente, sabe renovar um lugar-comum quando é necessário, com uma reflexão que o transforma. Em suma, embora esta mulher não faça alarde duma cultura humanista, como os seus contemporâneos masculinos ou as damas da roda da Infanta D. Maria, sabe aproveitar com inteligência uma instrução que, a acreditar no que diz, foi apenas sumária. De maneira espontânea ou não, escolhe as técnicas que convêm à sua sensibilidade, e os seus aforismos são muitas vezes cheios de poesia. Recorre frequentemente a imagens originais, que devem ter agradado não apenas às suas amigas, mas também a leitores cultos. Não foi pequena a minha surpresa quando li na *Imagem da Vida Cristã* de Frei Heitor Pinto as frases seguintes:

[Os amigos incertos] se os quereis experimentar, achai-los de dentro mais refohados que um bolo, e com mais águas que chamalote; porque por mais beneficio com que os animeis, nunca querem perder as listras de sua má condição. [...] São[...] mais mudáveis que grimpas...⁵

Ora, na rubrica «Pessoas diversas», Joana da Gama observa:

Vou topar com pessoas tão leves nas determinações e tão pouco constantes, que se mudam mais vezes que ùa grimpa [...]. Trato com pessoas a que acho mais folhas que um bolo, e mais águas que chamalote [...]. E com outras envernizadas de parvoíce sobre ruindade com listras de más inclinações [...].

⁵ Frei Heitor PINTO, *Imagem da Vida Cristã*, «Da Verdadeira Amizade», [1.ª ed. Lisboa, 1572], Lisboa, Typographia Rollandiana, 1843, Vol. II, pp. 350 e 367.

Tal proximidade não pode ser obra do acaso. Ela indica que o livrinho da freira deve ter circulado entre beatos e religiosos e gozado de certa estima. Em todo o caso, eis um argumento para admitir uma data de publicação anterior a 1571, data da redacção da segunda parte da *Imagem*, que saiu à luz em 1572.

Os versos

A obra propriamente poética, quer dizer escrita em versos, ocupa apenas 13 fólhos na única edição onde aparece. A apresentação é menos cuidada do que a dos *Ditos*. Às vezes, nenhum espaço separa os diferentes poemas, que só se podem distinguir pela mudança de assunto ou de versificação. Ao todo, são 17 composições: dois diálogos, quatro vilancetes, um romance e uma cantiga, seis «trovas» com estrofes de formas diversas, e três sonetos. A ordem da disposição não parece obedecer a nenhum critério temático nem formal. Os três sonetos provam que a autora estava informada da actualidade literária do seu tempo, já que o soneto foi introduzido em Portugal por Sá de Miranda. Mas os sonetos italianos foram provavelmente lidos muito mais cedo por pessoas cultas, e os de Boscán e Garcilaso de la Vega foram conhecidos antes dos anos 1540⁶. Joana da Gama quis experimentar. Um dos seus sonetos é dedicado a louvar a Deus, outro aos tormentos sentimentais da autora, e o terceiro é uma exortação à resignação cristã. O resultado não é francamente bom. Joana deve ter tratado de compor sonetos de forma autodidacta, a partir das suas leituras, sem os submeter à aprovação de alguém mais hábil; ela bem reparou na disposição das rimas (nem sempre correcta), mas não soube reproduzir o ritmo do decassílabo italiano. Na maioria, os versos são «de arte maior», quer dizer que uma cesura os corta em duas partes simétricas depois do acento na quinta (ou na sexta) sílaba. Além disso, não são perfeitamente regulares: apesar dos seus esforços, a inteligente «beata» não conseguiu dominar essa forma nova.

Felizmente, Joana da Gama atém-se em geral à «medida velha», ou seja, às formas tradicionais cultivadas pelos poetas do *Cancioneiro Geral*. E compõe com mestria versos de redondilha maior que, em

⁶ Prova disso, entre outras, é o manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, anterior a 1546, onde se encontra a primeira versão conhecida da *Menina e Moça* além de muitos versos de poetas espanhóis e portugueses (Cod. 11 353, microfilme F 1480).

quatro das trovas, alternam com versos de 3 ou 4 sílabas. Um dos vilancetes e a cantiga constam de pentassílabos. As rimas estão correctamente dispostas em estrofes de 6, 7, 8, 9 ou 10 versos. Esses poemas seguem os modelos da poesia da corte, tal como aparecem no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, e a versificação obedece a regras rigorosas. O que é claro indício dos contactos e dos gostos aristocráticos da autora, bem evidenciados, em particular, nas «Outras [trovas] sobre o canto», em que canta a sua dor de viver, manejava com virtuosismo termos de teoria musical e demonstrando assim que a sua educação musical, pelo menos, ultrapassou o nível elementar.

Dor de viver, melancolia, fugir do tempo: eis os seus temas poéticos favoritos. Entre eles o amor, tão privilegiado na poesia lírica dos contemporâneos, aparece apenas através de alusões. A natureza está quase ausente, salvo num delicado vilancete. Os diálogos, em 8 estrofes de 8 versos, são muito interessantes, não apenas porque se inserem na tradição dos debates poéticos – as tenções medievais ou os desafios dos improvisadores do paço –, mas sobretudo porque põem em cena abstrações personificadas («Velhice» e «Razão», ou «Sentimento» e «Razão»), como no teatro medieval ou no de Gil Vicente. É notável o realismo da evocação de Velhice:

Os dentes se deitam fora,
as cãs entram desmandadas,
a gota dá mil picadas,
a vista se empeora,
as dores vêm cada hora,
dá-lhe pena a lembrança,
tem muita desconfiança,
tristeza com ela mora.⁷

Eis um retrato sem indulgência que não trata de idealizar a velhice, apesar das observações da Razão sobre o valor da experiência e da sabedoria que se adquirem com a idade...

⁷ Na verdade, a contemplação da velhice e a meditação sobre a fugacidade dos prazeres humanos é um *topos* na literatura e as artes. Comparar com o francês François Villon: «Le front ridé, les cheveux gris,/ Les sourcils chûs, les yeux éteints,/ Qui faisoient regards et ris/ Dont maints marchands furent atteints;/ nez courbes, de beauté lointains,/ Oreilles pendantes, mous-sues,/ Le vis pali, mort et déteins,/ Menton froncé, lèvres peaussues...» (*Les regrets de la belle heaumière*, st. 8, F. VILLON, *Œuvres*, Paris: Ed. Les Heures Claires, 1976, p. 48).

Entre os outros poemas, são de salientar as trinta sextilhas que têm por título «O autor». Este texto tem um certo parentesco com as *Coplas de Don Jorge Manrique por la muerte de su padre*⁸, que tiveram ampla difusão na Península ibérica: forma idêntica (alternância de dois heptassílabos e um verso de pé quebrado, com rimas a, b, c, a, b, c em cada sextilha); consciência dolorosa da vaidade e da fugacidade dos gostos da vida. O poema todo é uma longa queixa muito sentida, na qual a voz poética evoca um desengano quase desesperado, com acentos que lembram às vezes versos de Sá de Miranda ou Bernardim Ribeiro incluídos no *Cancioneiro Geral*. O poema seguinte (n.º 4), provavelmente também autobiográfico, consta de seis décimas em que Joana relata o que podemos considerar a sua conversão. Embora não dê detalhes precisos sobre o percurso existencial da escritora, este texto ilumina o acontecimento que foi com certeza o mais importante da sua vida: a renúncia ao mundo depois de uma decepção, que pode ter sido a viuvez. Mas as primeiras estrofes exprimem uma amargura que não parece apenas devida à perda dum ser amado. Por outra parte, também aqui Joana da Gama não idealiza absolutamente o género de vida escolhida: comida austera, toucado basto, vestido de burel cingido com uma corda, abandono da própria vontade, confirmam a sua obediência à Terceira Ordem de S. Francisco. A adopção dessa regra não é apresentada como fácil, pelo contrário. Mas é um refúgio fora do mundo, talvez uma protecção contra si própria e um meio seguro de salvação da alma. O tom da última estrofe, de uma sinceridade impressionante, transcende qualquer lugar-comum lírico. Este poema é um bom exemplo da qualidade da produção poética da escritora que, aliás, consegue expressar a melancolia feminina em formas de grande variedade.

Em conclusão, é forçoso reconhecer o talento de Joana da Gama. Escritora menor, com certeza, mas dotada de qualidade inegável. Situa-se à margem do pequeno mundo da «intelligentsia» portuguesa da época, à parte da corte, longe da Universidade mas, como os cachorrinhos do evangelho, recolhe as migalhas da mesa e alimenta-se com o que pode alcançar. Apesar de pertencer a uma classe social privilegiada, não teve acesso a uma formação intelectual de alto nível,

⁸ Ver J. MANRIQUE, *Cancionero*, [Prólogo, edición y glosario por Augusto Cortina], Madrid: Espasa-Calpe S.A., 4.ª ed. 1960, pp. 89-109.

só concebível para os homens na altura, mas de que algumas mulheres conseguiram gozar. Paradoxalmente, essa situação talvez fosse uma sorte para ela. A sua cultura relativamente elementar evita-lhe a vontade de se equiparar aos mais cultos e o risco de perder assim toda a espontaneidade. No seu recolhimento de Évora, aproveitando uma independência material pouco frequente, animou um pequeno círculo de companheiras beatas e, ficando à margem dos meios intelectuais cultivou, a seu modo, a literatura. Atreveu-se a publicar as suas tentativas com grande timidez. Mas estas revelam uma sensibilidade deliberadamente feminina, que se afirma apesar das convenções sociais e dos preconceitos. Se lhe faltou um mestre que lhe tenha poupado alguns erros métricos, isso não prejudica de maneira nenhuma a frescura e a sinceridade da sua inspiração. A sua voz modesta e subtil, a voz da primeira escritora que escreveu em língua portuguesa, merece ser ouvida ao lado das grandes vozes do século.

BIBLIOGRAFIA

a) de Joana da GAMA

Ditos da freyra. Ditos diversos feytos por hũa freyra da terceyra regra. Nos quaes se cõtẽ, sentças muy notaveys, e avisos necessarios, s.l. n. d. (Évora: André de Burgos, 1555?). Biblioteca Nacional de Lisboa, Res. 228.

Ditos diversos feytos por hũa freyra da terceyra regra. Nos quaes se contẽ sentças muy notaveys, & avisos necessarios, s.l. n. d.. Biblioteca Pública de Évora, Res. 189 D.

Ditos da Freyra (D. Joanna da Gama), conforme a edição quinhentista revista por Tito de Noronha, Porto-Braga: Livraria Internacional Chardron, 1872. 107 p.

b) sobre Joana da GAMA

PEREIRA, Gabriel, *Estudos Diversos*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934.

SAMPAIO, Albino FORJAZ de, *As melhores Páginas da Literatura Feminina (Poesia)*, Lisboa: Livraria popular de Francisco Franco, 1935, pp. 14-17.

—, *As melhores Páginas da Literatura Feminina (Prosa)*, Lisboa: Livraria popular de Francisco Franco, 1936, p. 7-13.

QUINT, Anne-Marie, «Joana da Gama: une femme écrivain dans le Portugal du XVI^e siècle», in: *Modèles et innovations, Cahiers du CREPAL n° 2*, Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 1995, pp 37-59.

—, «Les tentations poétiques de Joana da Gama», in: *Femmes en poésie*, textes réunis par Jean-Yves Casanova, Catherine Dumas, Roland Forgues, Pau: Publications de l'Université de Pau, 2002, pp. 97-112.

NOTA À PRESENTE EDIÇÃO

Edições utilizadas

Utilizamos como base da presente transcrição o texto da edição considerada mais antiga, a partir duma fotocópia do exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, designado a seguir por L. Mas não hesitamos em recorrer à fotocópia do exemplar da Biblioteca Pública de Évora, designado por E, que muitas vezes corrige erros evidentes de L. Isto leva à conclusão que E deve ser posterior a L, apesar de também apresentar alguns erros. Estes exemplares do século XVI são os únicos que pudemos consultar. Tito de Noronha parece ter tido à sua disposição outro exemplar igual ao de Lisboa, pertencente ao Visconde de Azevedo, e alude a mais dois de que ouviu falar mas que não chegou a ver⁹. A edição L tem um formato relativamente raro (in-12, 55 mm×139 mm). A impressão é em caracteres góticos, com 26 linhas por página. Consta de 60 folhas sem numeração. Na folha de rosto, o título aparece num quadro xilogravado. O texto começa no verso da folha de rosto. Os «Ditos» ocupam 47 folhas. No verso da folha 47 começam as «Trovas», com o título em caracteres redondos. Os três sonetos distinguem-se das outras poesias, por terem sido impressos em caracteres redondos itálicos.

A data de 1555 indicada por Barbosa Machado é aceitável, já que André de Burgos começou a imprimir livros em Évora em 1553. O facto de o *Alívio de Caminantes* de Juan de Timoneda, com a data de impressão 1575, ter sido encadernado no mesmo volume, pode não contradizer esta datação: com efeito, se o formato é o mesmo e o

⁹ Ver *Ditos da Freyra (D. Joanna da Gama)*, conforme a edição quinhentista revista por Tito de Noronha, Porto-Braga: Livraria Internacional Chardron, 1872, pp. XI-XII.

aspecto geral muito parecido, os caracteres, também góticos, são um pouco maiores, e há 25 linhas por página em vez de 26. A encadernação pode ser de alguns anos posterior à impressão do primeiro livro.

Quanto ao exemplar de Évora, impresso em caracteres redondos, é um volume in-8º de 56 páginas numeradas de 3 a 56, com folha de rosto ilustrada por duas gravuras. Contém apenas os aforismos. Vem encadernado com mais cinco livrinhos, dois sem data, dois impressos em 1554, e um em 1560, mas a data de impressão dos «Ditos» pode ser alguns anos posterior a 1560. Até seria plausível, se foi anterior a 1586, que a autora fosse responsável pela correcção de muitas gralhas e alguns castelhanismos da primeira edição. Contra esta hipótese, há o facto de algumas grafias serem mais arcaizantes em E do que em L: «rezam» em vez de «razam», por exemplo. As notas, na sua maioria, assinalam as diferenças entre E e L.

Crítérios de transcrição

A nossa intenção foi facilitar a leitura de um texto do século XVI, sem todavia actualizar sistematicamente a grafia, nem apagar a incoerência ortográfica. A partir das observações dos historiadores da língua portuguesa, tratámos de conservar as grafias susceptíveis de representar particularidades fonéticas. Eis os princípios que resolvemos adoptar:

- Modificação da pontuação segundo as regras actuais e as exigências do sentido, mas tendo em conta o significado da pontuação original (: ou ; correspondem geralmente a .).
- Desenvolvimento sistemático das abreviaturas tipográficas (caso de *de*, *per*, ou *que*).
- Transcrição sistemática de & por *e*, e da consoante *f* por *s*.
- Substituição de *y* por *i* e de *o* por *u* nos ditongos (*freyra* > *freira*; *feytos* > *feitos*; *deyta* > *deita*; *mao* > *mau*; *creceo* > *creceu*; *Deos* > *Deus*)
- Adopção do uso actual para os acentos (*estaa* > *está*; *daa* > *dá*)
- Adopção da grafia moderna nas desinências verbais (*destrue* > *destrui*; *poem* > *põem*; *acharam* > *acharão*)
- Transcrição moderna das vogais com *til*, quando a fonética é a mesma do que a actual (*bõ* > *bom*; *võtade* > *vontade*); e adopção

da grafia actual no plural dos nomes (condiçoens, condiçoens > condições).

- Transcrição moderna dos sons nasais finais (*nam* > *não*; *aguilhã* > *aguilhão*; *desmanchão* > *desmancham*).
- Supressão dos *h* sem valor fonético (*hũ*, *hum* > *um*; *he* > *é*; *authoridade* > *autoridade*), e restabelecimento do *h* etimológico, segundo o uso actual (*aver* > *haver*).
- Supressão das consoantes duplas sem valor fonético (*delle* > *dele*; *affeçam* > *afeição*, *differente* > *diferente*), e mais geralmente das consoantes sem valor fonético (*fructo* > *fruto*; *sciencia* > *ciência*; *sobjeyto* > *sojeito*).
- Substituição de *g* por *j* segundo o uso actual, quando a fonética é a mesma (*sobgeyta* > *sojeita*).
- Conservação das grafias que podem corresponder a uma fonética diferente da actual (*alheo*, em vez de *alheio*; *imigo*, em vez de *inimigo*; *molher*, em vez de *mulher*; *ũa*, *nenhũa*, *algũa*, em vez de *uma*, *nenhuma*, *alguma*).
- Correcção dos erros tipográficos evidentes (letras trocadas ou omitidas, etc.). Quando as correcções exigem a adição de uma letra ou uma sílaba no texto, a adição é indicada por [...].

DITOS DIVERSOS

feitos por uma freira da Terceira Regra.
Nos quais se contém sentenças muy notáveis,
e avisos necessários.

*Com Licença*¹⁰

¹⁰ E: *Vistos por o Padre Inquisidor.*

Começa a obra Primeiramente da

AFEIÇÃO

A¹¹ afeição e o desejo acrescenta o engenho; enquanto o engano dura, faz obrar cousas¹² que parecem impossíveis.

A sobeja afeição, se está enxerida na vontade, afoga a razão¹³, põe em ferros a liberdade, e dana a fama, e a põe em confusão.

A afeição destrui o coração, enche-o de males, e quando lhe não podem achar corte, passam por passos perigosos da vida e fama, que quem está em outrem não está em si.

A afeição nos tece o engano, e o¹⁴ cobre com falsas pinturas, põe-lhe espeques da vaidade, e aponta com pontões de esperança.

Há-se de enfrear a afeição porque é ùa má pintura; faz figuras como quer, com verdade e sem ela, e senhorea-se das potências, que as não deixa usar do que entendem.

Quem leva por guia a afeição não pode acertar bom caminho, há-o de levar errado, há-de ir dar em barrancos; se forem pecos aí ficará atolado.

Quem dá entrada a afeição está deliberada no consentimento dela; apodera-se-lhe do juízo e priva da razão, que nenhum bom conselho lhe pode entrar na vontade.

ADVERSIDADE

As adversidades nos são naturais, as prosperidades emprestadas, que todo contentamento da terra se corrompe logo.

¹¹ Segundo E. Em L, falta o artigo.

¹² Segundo E. Em L, «cosas».

¹³ E: «rezão», como em todo o texto de E.

¹⁴ Segundo E. Em L, «e cobre». O texto de L nesta linha está muito estragado.

De sermos mimosos nos afrontamos demasiadamente com as adversidades; assi delas como das prosperidades e do tempo havemos de usar como de cousas emprestadas.

AMIZADE

São amigos maus de achar, não se topam senão de ventura, e por a pouca minha não tenho nenhum. Desconfianças tudo querem experimentar, vi o fio às vontades dalguns que cuidei que tinha, foram-se-me por lugares invisíveis, de que me não soube temer.

Corrompem-se muitas amizades por não estarem fundadas em virtude, e por serem as condições¹⁵ diferentes, que a concordância das vontades faz de duas ãa.

Condições muito diferentes nunca tiveram grande amizade, não é capaz das entranhas senão quem com elas tem conformidade.

Os verdadeiros amigos tomam por prémio o trabalho que levam em obras e serviços de quem amam, são escassos de palavras e pródi-gos de obras.

Os que amam andam embebidos nos apetites, trazem embaído o entendimento, caminham pela estrada dos vícios.

AMOR

Em se querendo começar de acender qualquer faísca de amor, se há logo de matar porque é tão contrário à honra, como a água de fogo¹⁶.

É mui diligente o bom e verdadeiro amor, e nas cousas seguras não segura, e dura sempre; e que a amizade que se acabou, nunca foi verdadeira: a que o é, deita fora todos os inconvenientes.

É um miserável estado o dos que amam, que a honra e o amor têm discórdia, ajuntados em um coração, tratam-no mal. A honra há-de preceder tudo¹⁷, tirando a alma, dela se há-de fazer mais conta, muitas se fazem às avessas, até que se lhe gastam as esperanças, então caem no verdadeiro conhecimento.

Fujamos dos maus pensamentos, como de ãa seta de erva, pois temos por ajudadora a carne que é fraca. Que o amor em gente

¹⁵ Segundo E. Em L, «condiçones», assim como no item seguinte.

¹⁶ Em E: «como a água do fogo».

¹⁷ Em E: «preceder a tudo».

ouciosa mostra as forças de seu poder, e vende seus gostos mui caros, e os caminhos da razão segue ao revés.

Manhosamente se há o amor, que quem se lhe rende, toma-lhe posse da alma, trá-la perigosa, que não val com ele conselho de razão, que o pensamento pera estar descansado, há-de estar em Deus. E o que assi não está, está aleijado fora de seu lugar, que as cousas deste mundo nenhã é digna¹⁸ de ser amada.

O mal que vedes em quem tendes amor, dói-vos nas entranhas, como que o tivésseis nelas. E se são tachas, não lhas enxergais¹⁹, e os seus erros não vos parecem tamanhos como os dos outros.

O desagradecimento e o amor têm discórdia e são diferentes, não moram em ãa casa.

O amor faz perecer²⁰ todas as cousas razoadas, e não há aí arnês que se defenda dele.

O amor não aguarda os direitos²¹ à razão.

O amor virtuoso de qualquer calidade parece agradecimento da natureza, que é tão comum, que até os brutos se amam, mas há-de ter as raízes na virtude.

O que amamos vai-nos parecendo cada vez melhor, não porque crece em mais perfeição, mas creceu amor, e multiplicou-se o gosto.

Os primeiros movimentos do amor hão-se de desviar com a razão, e não conformar com a vontade, que se não está enfreada, desprega as velas ao desejo, e carrega a quem o tem descuidado.

Ninguém pode querer bem de siso a quem o não tem.

Vendo-se poucas vezes os que se amam, roubam-he os olhos os [e]spíritos, que não podem dizer o que sentem, até o entendimento lhe põe silêncio.

Onde o amor deita raízes, por mais que o tempo o vá adelga-çando é muito mau de desarreigar; prende inquietamente e despõe da verdade, há-se de fugir dele como do demónio, que é autor de quantos males fazemos.

¹⁸ Em E: «dina». Em todo o texto de E, «dino» ou «dina»; mas «dignidade».

¹⁹ Segundo E. Em L, «não lhas enxergues».

²⁰ Em E: «parecer». Em L, a abreviação da primeira sílaba corresponde a «per», o que aliás faz sentido.

²¹ Em E: «os direitos».

AMOR PRÓPRIO DE SI MESMO

Releva a todos descarnarem da vontade o amor próprio, que é o que nos faz mais mal que o que nos querem as outras pessoas.

De nos amarmos desordenadamente nos privamos da privança de Deus que nos ama mais do que nós nos sabemos amar, e nos tem o paraíso aberto, se não tivermos pera ele o coração cerrado.

ARRECEOS

Bem me podem a mim dar por testemunha do mal que fazem arreceos, e jurarei que não sabe deles muito quem quer pouco.

AUTORIDADE

Alguns desmancham sua autoridade em seguirem suas más inclinações, têm [e]spírito de contradição, tudo querem reprimir; até às cousas bem feitas dão má cor e as borram, com perversa tenção procedem contra todos.

HABILIDADES²²

As forças de engenho são mais de louvar que as do corpo. Habilidades, se as têm pessoas bem inclinadas, participam muitos delas, aproveitam a si e a outrem. Mas agudeza com tenção danada é corrupta, cheia de falsidade, e muy perigoso²³ e perjudicial.

BEM DO [E]SPÍRITO

Os esquecidos das cousas do [e]spírito, lembrados²⁴ do que não lhe convém, querem saber os erros alheos, não emendar os seus.

BENS TEMPORAIS

O adquirir não satisfaz; por²⁵ qualquer isca de bens temporais, fica a vontade sempre desejosa de adquirir ciência, honra ou fazenda.

O dinheiro é muito aceito, porque a ele obedecem as mais das cousas.

²² Em E: «Abilidades».

²³ Em E: «perigose».

²⁴ Em E: «alemrados».

²⁵ Em E: «porque», que não faz sentido.

Riquezas é um fito, barreira e branco onde muitos tiram. Dão cuidados, eles trazem o repouso desterrado. Quem tirar o desejo delas e se quiser contentar com o que Deus quis que tivesse, terá o coração livre e assossegado pera conversar no céu e ter lá o pensamento. E poderão deixar os temporais bens pelos eternos.

Riquezas dão cuidado, e atravessarão-se-lhe²⁶ mil desaventuras que lhe quebrarão o fio do gosto que parece que têm, que o tempo é azado pera se não azar descanso. A natureza bem regida pouco há mister, mas à ambição e avareza, tudo lhe parece pouco, e negam os avarentos a si mesmos o que hão mister.

BEMAVENTURANÇA

Fomos criados pera grandes cousas, não nos embarcemos com as pequenas. Riquezas alcançadas e por alcançar, todas havemos de perder ùa hora²⁷; a fama também acaba, que estão muitas sepultadas no esquecimento do tempo, que triunfa de tudo e o consume.

Ninguém tem privilégio de bemaventurança por mais habilitado e próspero que seja; está sojeito tudo a mudança.

BONS

Folgam os bons de dizer bens; medem os outros com as virtudes que em si têm.

CONTENTAMENTO

De nos guiarmos polo desejo, desatinados não atinamos com contentamento, buscamo-lo em lugares diversos, ele está em só Deus. Achá-lo-emos se contrariarmos nossa vontade, e nos referirmos²⁸ à sua.

CASTIDADE

Com pouco trabalho se conserva a virtude da castidade, depois de estarem habituados a ela. E ela dá lustre às outras virtudes, e sem ela estão abatidas. Com essa pobreza de meu entendimento, tenho alcançado que é a principal por que se muito há-de fazer.

²⁶ Em E: «atravessam-se-lhe», mais lógico.

²⁷ E: «de perder em ùa hora».

²⁸ E: «nos referimos».

Qualquer agulhão sensual e desmedido apetite havemos de rechaçar de nós mui longe, que quem dos erros está perto, mais asinha é murmurado que emendado.

As contendias da humanidade mais asinha se vencem fogindo-lhe que esperando-as; quanto mais delas se afastam, se chegam à virtude.

CEGUEIRA DO CORAÇÃO

Cegueira do coração, se a têm pessoas poderosas, têm a razão sojeita e torcida a sua vontade, e não a vontade a razão.

Falta de conhecimento faz sobeja confiança, e os que a têm são ídolos de si mesmos. Não há juízo, por excelente e delicado que seja, que às vezes não haja mester conselho.

A confiança demasiada é ramo de ignorância; dela nace a sobeja presunção, que há mester refreada, que toda está fundada no ar. E por²⁹ seus maus algarismos, acham que ninguém vem a conta com eles e crêem que não têm parelha.

CONSULTAÇÃO³⁰

Feitas as cousas bem cuidadas, não dão cuidado de as desfazer, que qualquer obra é melhor de cometer que de perseverar nela.

Se não podemos ser tão prósperos e privilegiados como desejava-mos, nem por isso não nos desapropriemos de consolação, que a tristeza a traz desterrada. Tudo lhe avorrece, até o remédio não crê que o há, que as necessidades são gerais, porque os mais são que têm menos.

Vai tamanha esterilidade de consolação e repouso que ninguém o pode ter, senão melhorando no serviço de Deus e armando-se de remédios [e]spirituais.

CONSELHO

Por bom que o juízo seja, tem necessidade de conselho, porque a afeição que nos temos não nos deixa conhecer em nós o que nos cumpre. Não havemos de ser amigos de nosso parecer.

Ninguém é bom juiz de si mesmo, nem abasta pera se aconselhar; temos muitos contrairos em um sojeito. E se nos regemos por

²⁹ E: «per».

³⁰ É o mesmo título em L e E. Mas talvez seja preferível «Consolação», visto o significado dos aforismos.

nós, não nos deixa a afeição que nos temos dar sentença sem ela, e às vezes, por fogirmos de um mal damos em outro maior. E quem está de fora, livre, pode julgar e aconselhar verdade.

Não há quem seja tão abastado de saber que não haja mister aconselhar-se, e mais seguro é pedir conselho que dá-lo.

Quem houver de aconselhar há-de ter juízo despejado de afeição e de interesse. É mui necessário o conselho. Ele nas nossas cousas nos falta e nas alheas nos sobeja.

CONVERSAÇÃO

Já tenho experimentado que não há aí contentamento nas conversações, por quão diferentes são os gostos, que de maravilha acham as pessoas parelha. E cada um é afeiçoado à sua inclinação³¹, que não calçam todos uns pontos, e por isso são os panos de tantas cores. E contudo, não há melhor recreação pera o gosto da vida e defesa dela que amizade, prática e comunicação de pessoas de vossa arte, e mais se vos querem bem.

CORTESIA

O bem falar e cortesia é um laço em que se prendem vontades.

CÓLERA³²

Não há cousa que mais haja mister freo que a cólera, que tira o siso fora de seu lugar, e dá-o à ira.

CORAÇÃO

O que eu não sei dizer, di-lo o coração, porque não achegam palavras à mágoa que sinto de ter pouca devação.

Cuidados e temores estão mais vivos nos vivos de engenho.

Um cuidado grande deita fora todos os outros.

Lisonjeam o mundo alguns com afagos de prosperidades. Estes, com qualquer aceno de fortuna, não têm paciência e desmaiam. Os avezados a adversidades, que não achem corte a seu mal, sofrem-no bem.

³¹ E: «incrinação».

³² Em E: «Corola».

CULPA

Õa manha têm pessoas culpadas, que a razão que lhes falta querem suprir com razões mui fracas.

Os que se entendem, se se acham culpas, andam desassossegados, que o temor lhe rompe o coração com imaginações³³ tristes e desiguais, que se dizem com ãa potência, desdizem com todas as outras.

Os malfeitores sempre andam inquietos e desapoderados de repouso. E o que fazem não é a horas, senão a³⁴ deshoras.

COSTUME³⁵

Costume faz as cousas pesadas leves, as fortes brandas. Não há trabalho tão áspero de sofrer que com o tempo se não tenha em pouco.

COBIÇA

Onde achegam os aguilhões da cobiça, cativam a liberdade e a têm presa; e a fazem torcer e desviar-se de bom caminho.

DEUS

Deus é atalaia dos corações, demos-lhos desembaraçados e quebremos nossa vontade. Armemo-nos de armas [e]spirituais, não nos rendamos aos imigos.

Os tementes a Deus descuidam do corpo por cuidarem na alma. E são diligentes, têm a ouciosidade por pena, o trabalho por descanso. São escassos do tempo, não o esperdiçam, aproveitam-se dele em fazerem o que devem.

Tudo o que Deus criou serve a nós, sirvamos nós a ele que nos deu estromentos pera alcançar graça. E tendo-a, adquiriremos proviões pera o necessitado dia em que havemos de dar conta.

Lembre-nos que se fez Deus pequeno por nos fazer grandes. Desfaçamos nossa vontade por fazer a sua.

Quem teme a Deus teme todas as criaturas, até os elementos. E se eles são sojeitos e servem à grandeza divina, quanto mais o devemos nós de fazer, que nos está cada dia convidando a o amar.

³³ E: «maginações».

³⁴ E: «as deshoras».

³⁵ E: «Custume».

Se descarnarmos e arrincarmos do coração³⁶ vaidades que nos cegam, veremos que não há cousa boa pera trazer na memória senão a Deus. Ele nunca está apartado de nós, nós o estamos dele por nossas culpas e descuidos.

DESCANSO

Tudo o que Deus criou foi pera nós, e deu-nos muitas diversidades e recreações³⁷ na terra; só descanso não é fruto que ela dê, está nos céus.

Vejo alguns andar como maré, a que não é concedido repouso, porque puseram a proa em descanso, e ele não no há na vida.

DISCRIÇÃO

Discrição, em que estê escondida, há-de dar boas mostras de si; e que não possa efectuar³⁸ o que quer, sempre tem valia e a põe por quem deve.

É tão boa alfaia pera ãa casa discrição que aonde ela está, tira pera si os corações de quem a entende, como a pedra de cevar o aço³⁹.

Levam os discretos, por galardão dos bens que fazem aos néscios, tomarem-lhos mal e dizerem-no deles, que toda ingratidão se cria nos pecos. Sempre cuidam que os enganam.

Os discretos avorrecem as malícias e amam a paz, e em tudo são registados⁴⁰. E se se lhe vai a paixão do coração à boca e quebram a ira em algũas palavras, todas soam a bom ensino, e força-os a isso a força que lhe outrem faz. Pedem conselho e mudam o que têm, não se dão por achados dalgũas cousas e não vão ao cabo com elas.

Os discretos, alevantam-lhe os [e]spíritos e satisfazem-nos⁴¹ sentenças por bom estilo, delicadas e sotis, que a viveza do entendimento lhas representa. Agasalham-nas e festejam-nas, e deitam delas mão e encomendam-nas à memória. Os de fraco saber não lhe encaixam, nem lhe cabem nos sentidos⁴², nem as sabem expremir.

³⁶ Segundo E. Em L: «de coração».

³⁷ Segundo E. Em L: «recreações».

³⁸ E: «afeituar».

³⁹ Segundo E. Em L: «aço»; mas talvez o artigo esteja apagado, já que o espaço existe.

⁴⁰ Segundo E. Em L: «e em tudo registados».

⁴¹ Segundo E. Em L: «satisfazem-nas».

⁴² Segundo E. Em L: «nem lhe cabem os sentidos».

Perigosos estão os discretos em companhia dos néscios que os não entendem, e entendem em os anojar. Todas as malícias residem nos corações dos pecos.

Tem ãa dignidade a discrição consigo, que quem dela alcançar um pouco, fundir-lhe-á muito.

Têm as pessoas discretas o vau mui fundo, não o podem passar com pouco tento.

Têm muitos impedimentos os discretos pera serem ledos, e algũas causas pera serem tristes, porque sentem mil [e]spécies de penas com que avoam ao que pode ser, e consideram tudo com maduro exame.

Têm tanta diferença os discretos dos néscios como o branco do preto. Mas tudo tem seu desconto, porque aos ignorantes não lhe dá trabalho a tristeza, e não ousam as paixões de chegar a quem não sente.

Todas as dignidades e honras e favores merecem os discretos. E se lhe roubarem seu direito e em lugar de benefícios lhe fizerem injúrias, pois não são dignos delas, devem-nas desprezar, e não lhe fazerem no coração nódoa.

DESENGANOS

Há poucos que queiram desenganos, e por isso são desacostumados.

Desengana-nos o mundo, não nos queremos desenganar. Amamos nós a vaidade, gastamos os dias em cuidados vãos. Desapoderados de repouso, não temos hora segura, nem dia sem ter paixão.

Desejo

Um grande desejo faz parecer fácil o que é dificultoso. Há-se-de atalhar porque se não desmande fora dos termos da razão, que as cousas que se fazem bem cuidadas não dão cuidado de as desfazerem⁴³.

Preso e aferrolhado há mister o desejo, que se é grande, vende seu dono barato.

Se fizermos concertos⁴⁴ com os desejos que nos não pedissem senão o que fosse justo, amansaria a peleja do coração e o teríamos

⁴³ Comparar com o primeiro item de «Consultação».

⁴⁴ E: «concerto».

repousado. E achar-se-ia em nós aparelho⁴⁵ com que as mercês de Deus hão de ser recebidas, que nos continuamente está fazendo.

Se cortarmos nossos desejos maus, comprir-nos-á Deus os bons, e habilitar-nos-á tanto que furtaremos o corpo a todos os golpes e encontros da fortuna.

Aguça-se o desejo e acrecenta-se pera o que lhe coutam. Somos amigos do que nos defendem, e quanto nos falta de poder, nos sobeja a vontade.

De alargarmos às rédeas⁴⁶ aos desordenados desejos nos vêm todos os males. Se os encurtarmos e lhe pusermos brida, assossegaremos na verdadeira paz.

DESASSOSSEGO⁴⁷

Há pessoas desenquietadas como maré, a que não é concedido repouso, e andam tão tristes quanto abasta pera morrer de tristeza, porque puseram a proa em descanso, e ele não no há na vida.

DESCULPAS⁴⁸

Desculpas não absolvem culpados, não as queria buscar pera me valerem, porque me avorrece. Quem se delas quer aproveitar acha-as prestes, não faltam achaques, sobejar-lhe-ão escusas.

É tão má partilha de dar desculpas a quem quereis bem, que a não podeis fazer senão com vos ficarem as penas delas.

DESCUIDO

De qualquer descuido das cousas que somos obrigados nadem muitos, que um erro nunca vem desacompanhado.

DOR

Õa dor, se é grande, suspende todos os sentidos, que nenhum pode fazer seu ofício.

⁴⁵ E: «o aparelho».

⁴⁶ E: «a rédea».

⁴⁷ A frase que constitui o item a seguir é quase igual ao segundo item do capítulo «Descanso».

⁴⁸ O título falta em L e está mal colocado em E.

A grande dor e tristeza fecham as portas ao prazer, não no deixam entrar. Alguns vão visitar os anojados, não tanto polos consolar como por se consolar com eles, que algum alívio dá ter companhia nos pesares.

DITOS DO AUTOR DE SI MESMA

Estes ditos me estão ameaçando, que por eles hei-de ser condenada nos juízo[s] de muitos. Se a ignorância sobeja me faz sê-lo, que tenha necessidade de perdão, daqui o peço aos que os lerem.

Assaz de muita pequice e pouca prudência, grande ousadia e alta presunção seria a minha se cuidasse que há ninguém de achar sumo ou sabor nestes ditos, pois são feitos de quem não sabe. Pera mi só os fiz por ter fraca memória.

Está adivinhado e tomado às mãos que porque as ponho neste papel, cuidarão que é pera ensinar. Eu queria aprender, que não me falta conhecimento que não sou pera dar conselho, senão pera o tomar de quem me essa esmola fizesse: eu lho agradeceria.

Minha pouca capacidade e a baixeza de meu entendimento me estão ameaçando, e me dizem que não terá culpa quem ma der em escrever estes ditos. Eu o fiz pera não me esquecerem, e comuniquei-os com minhas amigas. Elas puseram os olhos na minha tenção, pediram-mos, não lhos soube negar. Isto vai já parecendo desculpas, de que eu sou pouco.

Por conhecer minha insuficiência, corro-me de escrever cousas sotis. E quando constrangida de me pedir o desejo as quero tocar, foge-me o atrevimento, aconselha-me a razão que o não faça.

DESCONTENTAMENTO

São toucados⁴⁹ de descontentamentos os mais dos estados: cada um lhe avorrece o que tem, e todos estão cheos de misérias e desaventuras.

ESCASSEZA

A sede de adquirir é insaciável. Os que acquirem mais do que devem cuidam que mercam fazenda, e eles vendem-se a ela. Nunca quem teve muito apertada a mão lhe saiu dela cousa notável.

⁴⁹ Segundo E. Em L: «toucadas».

ENTENDIMENTO

Bom entendimento nunca se satisfaz. Sempre está faminto e cada vez se afina e adelgaça, exercitando-se em cousas altas e boas.

O entendimento delicado tem a imaginação buliçosa. Faz revolver no coração diversas considerações e acha nelas⁵⁰ muitas contradições ao descanso. E por usar do que entende, muitas vezes não o tem.

Tirando a alma, não temos melhor peça em nós que o entendimento, pois com ele conhecemos os benefícios que cada dia nos vêm da mão de Deus. E esperamos na sua misericórdia que nos dará a sua graça pera fazermos obras com que nos dê a suma bemaventurança pera que nos criou.

É grande descanso e recreação tratar com quem tem bom entendimento. Toda razão lhe cuadra, tem ùa brandura cordial, a que minha habilidade não se estende ao gabar, que será desgabá-lo, porque tem quilates onde eu não chego, que pera os dizer há mister mais autoridade que a minha.

ENVEJA

Não há quem se defenda de envejas. De meninos a começamos ter: se somos prósperos, somos envejados, se pobres e abatidos, temos enveja doutros.

Rói a enveja as entranhas de quem lhe dá pousada, mete-lhe peçonha nelas, que as cousas bem feitas borram com falsos entendimentos, e os bens alheos são seus males e lhe doem.

Todas as pessoas abalisadas em graças, ou ciências, ou engenho, são mordidas de anojados⁵¹ murmuradores, mas a malícia é mui impotente: que[m] não tem contra si seu merecimento, não lhe demenuem⁵² o crédito.

ERROS

Grandes lições dão as quedas alheas, e no dano dos outros tiramos proveito pera nós.

De qualquer erro nos desviemos, que ainda que seja leve vai ao diante pesado, porque tem em nós tanto poder o costume como a natureza. Depois de habituados em um viço, é mau de descarnar.

⁵⁰ Segundo E. Em L: «nela».

⁵¹ E: «anojosos».

⁵² E: «deminuem».

Os mundanais de vontade, e que a têm estragada, cevam-se cada um em seu gosto. E se obram algũas de cristãos bem feitas, são como de molde por forma, acham fazer a virtude cousa cara, não na fazem boa, senão a adquirir o com que folgam.

ESTADO

Buscarem com indústria como sustentem honestamente o estado que têm, não desponta a lança no serviço de Deus; antes, não o fazer seria tentá-lo.

Está a vida sojeita⁵³ a desaventuras. A mocidade com a pouca experiência dá muitas cabeçadas. Como carrega a idade, aperta a velhice por muitas partes: diminui a saúde, gasta as forças, e quanto maior estado, menos liberdade.

Qualquer estado é bem⁵⁴, se contenta a quem o tem. Se não temos o que queremos, queiramos o que podemos, que não há ninguém, por mais liberdade e muito que tenha, que faça tudo o que deseja.

Título de contente, não há estado que o tenha. Se quiserem revolver bem o juízo, verão que se lhe fazem os contentamentos inviáveis, e por muito que possam, não podem vedar os canos por onde se sumem.

ESPERANÇA

Todos os trabalhos se fazem leves com a esperança; ceva-se o coração dela, que é grande mantimento pera ele.

Muitos, carregados de esperanças vãs, enganam seus pensamentos. Andam remontados⁵⁵ de si com imaginações⁵⁶ tristes que lhe avivam os cuidados. Desprezam o que têm pelo que esperam vir⁵⁷.

Mantemos a esperança com muito pouco custo, sustentamos até que o tempo nos avisa e desengana. Amostra a verdade do mundo que todas suas cousas são quebradiças e cheas de perigo.

⁵³ E: «sogeyta».

⁵⁴ E: «é bom», o que é mais lógico, mas suprime a rima bem/tem.

⁵⁵ Segundo E. Em L: «remuntados».

⁵⁶ E: «maginações».

⁵⁷ E: «polo que esperam ter».

ENGANO

Andamos após os enganos, somos solícitos em nosso dano. Não nos queremos desenganar por ùa má opinião⁵⁸ do mundo. Imos contra a alma por amor do corpo que nos foi dado por seu respeito, estimamos a vida como que fosse perpétua.

Se desejamos virtudes, olhemos o caminho que levaram os santos que nos precederam nelas e o exemplo que nos deixaram. Nos deve de mover a os imitar e arredarmo-nos dos inconvenientes do mundo, que quem anda dentro nos afagos dele anda fora de si.

FALAR

Bom couto é pera pequice falar pouco. Acolhendo-se a ele, não se descobrem faltas de que pode vir perjuízo de desprezo.

FÉ

A falta de fé e de esforço nos faz sentir muito as adversidades desacostumadas. E pera nos esquecerem, há-de ser com novo favor de Deus, que nos ensine a saber a que sabe o seu amor; e com ele quebraremos nossa vontade pera cumprir a sua.

Na fé não havemos de [e]scudrinhar⁵⁹, que não somos capazes de nos meter nas grandezas dos abismos dos segredos de Deus.

FORÇA

Onde força há, direito não val nada, como eu nesta terra.

Velemo-nos do desejo e degolemo-lo, que ele é o que nos dá guerra. Façamo-la às más incrinações e contra elas ponhamos nossas forças, e delas façamos vontade.

FORTALEZA

Venceremo-nos a nós mesmos e moderarmo-nos é grão vitória e sofrer com esforço os vaivéns da fortuna.

FORTUNA

Mal se pode ninguém defender da fortuna, porque não há aí armas pera ela. E a melhor defesa é esperá-la com casto e limpo coração⁶⁰.

⁵⁸ E: «openião».

⁵⁹ E: «descoldrinhar».

⁶⁰ Segundo E. Em L: «com casto e limpo de coração.» Lapso evidente.

[GRAÇA]⁶¹

Pessoas há aí que têm graça pera levantar os pensamentos, esforçam os [e]spíritos por sua arte, têm-na em tudo, que levam após si todos os corações; e é de terem depositadas todas as virtudes.

Quando se há-de dizer graça, pera a terem, não há de prejudicar, e há-de guardar as circunstâncias e qualidade de quem a ouve, que escárnios desmancham a autoridade, e quem em rir-se é leve mostra que o é do siso.

GUERRA CASEIRA

Guerra de casa é grão peçonha, porque se reverdecem as paixões cada hora. Se nos lembrasse quem somos e quão pouco havemos de durar, guerrearíamos os viços.

Contínua guerra e peleja temos contra nós mesmos. Mas nosso imigo é fraco, não vence senão a quem se quer dar por vencido. Havemos de andar providos, porque o apercebimento resiste aos combates.

Contínua guerra e cruel é a que nós mesmos nos fazemos, por ser dentro no coração. Ajuntam-se nele contrariedades, e pelejam a vontade e a razão, que são discordes e grandes imigos. Vem o pensamento com treições que nos desassossegam: em nos quereremos defender, nos ofendemos.

GOSTOS

De andarmos desatinados buscamos gostos: eles estão mesturados⁶² com muitas [e]spécies de paixões que combatem a vida.

Imprime-se-nos no coração as cousas de nosso gosto.

Muitas vezes andamos tristes e não sabemos de quê. Quer-o Deus assi, porque buscamos gostos contra sua vontade, que nos venha tristeza contra a nossa; e de nos querer bem, no-lo tira das ofensas que lhe fazemos.

Não há quem não tenha bom cajado de gosto em que se arrime, ou ãa gadelha⁶³ a que se apegue de contentamento⁶⁴; segundo sua incrinação lhe está erguendo os foles à natureza e lha ajuda a sustentar.

⁶¹ Outro caso em que parece impor-se novo título, que falta em L assim como em E.

⁶² Segundo E. Em L: «mesturados».

⁶³ Gadelha: o mesmo que *guedelha*. Aqui, provavelmente madeixa de quaisquer fios.

⁶⁴ Segundo E. Em L: «contamento».

Os gostos que per força hão-de fogir, é melhor fogi-los e enjeitá-los, que os contentamentos passados estão dando tratos de lembranças que martirizam a vida e não servem de mais que de a darem.

GRAVIDADE

Pessoas há aí encadarroadas⁶⁵, carregadas como adros, e de pecas⁶⁶ afigura-se-lhe que desautorizam a autoridade e que ofendem a gravidade em honrarem e agasalharem outras. Vem-lhe de estarem de soberba cheas, e de discrição vazias.

HONRA

Qualquer descuido faz mozza na honra, e cobra-se com muito trabalho e com se fazerem muita força e fazerem dela vontades; que as pessoas sesudas nas cousas do mundo hão-de ter os olhos a encherem os do povo, que os honrados são branco de barreira onde todos tiram.

HUMILDADE

O mais certo lugar pera sobir às virtudes é humildade; os males da alma se pegam mais asinha e são mui contagiosos e entram mais secretos.

Estão fundadas todas as virtudes sobre humildade. Os sesudos a têm, e fazem pouca conta de a não fazerem deles; são dignos de os amarem e conversarem, pera participarem de suas bondades.

INCRINAÇÃO

Alguns desmancham sua autoridade em seguirem suas más incrinações. Têm [e]spírito de contradição, tudo querem reprender, e até às cousas bem feitas dão má cor e as borram com perversa tenção; procedem contra todas.

Cuidar nas más incrinações⁶⁷ e misérias e mininices que temos, e que as não varremos da vontade nem riscamos do coração, é um passo que se não pode passar sem tristeza.

⁶⁵ Encadarroadas: o mesmo que encatarroadas, ou constipadas. A palavra, irónica aqui, parece significar: altivas, arrogantes.

⁶⁶ Pecas: broncas, estúpidas.

⁶⁷ Em L: «incrinações».

É dom de Deus ter boa incrinação. E quem a não tem tem muito trabalho: se se entende, faz guerra à sua vontade, trá-la sospeitosa.

Que tenhamos todas as más incrinações, irmo-nos à mão está na nossa, que tudo o siso e a prudência acabam.

Sostenta-se a guerra do ânimo e abrandam-se os cuidados com se recrearem as potências em exercícios de sua incrinação, contanto que não se apartem dos mandamentos de Deus.

Se nos incrinarmos à parte contraira de nossas más incrinações, daremos bom fruto à velhice, que qualquer golpe de paixão a fere. Perseguem-na desconfianças, desempara-a a natureza no cabo da vida. Não façamos conta dela, senão da que havemos de dar diante de Deus.

HIPOCRÉSIA⁶⁸

Os hipócritas armam-se de cautelas, forram-se de fingimentos. Querem suprir com gravidade suas faltas pera as encobrirem, sotilizam maneiras de adquirir crédito.

IRA

A muitos comete a ira, mas os discretos saem-lhe ao encontro com a razão que a amansa e lhe faz tomar pensamentos contrairos. E com calar-se dão paz a si e aos outros.

De qualquer pesar que temos, salta connosco a ira, que é ùa tempestade que vem ao coração súbita. Hão-na de deixar assossegado, e debuxar-lhe diante a mansidão quantos proveitos traz. Os [e]spirituais agasalham as tribulações, e assi vencem a ira.

É como um raio a ira, e tanto nojo faz onde está como um imigo. Há-se-lhe de dar espaço e não na acender, porque trova⁶⁹ o lume ao entendimento, arrebatada os sentidos, faz a quem a tem alhea de si própria⁷⁰.

LISONJARIA⁷¹

As pessoas prósperas são cevadas de lisonjarias. Mas elas não fartam o desejo, e se são sesudos, tresluzem por elas os enganados.

⁶⁸ Segundo L. Em E, a grafia, mais coerente com a ordem alfabética, é «Ipocresia».

⁶⁹ Actualmente: «turva».

⁷⁰ Reparar no feminino.

⁷¹ Segundo E. O título falta em L.

[LIBERALIDADE]⁷²

Os liberais têm amigos e aproveitam; os escassos cuidam que têm dinheiro e ele tem-nos a eles. A escasseza envilece⁷³ a pessoa que a tem e a faz mal quista.

LÍNGUA

Os praguentos não estranham o mal polo emendar, senão só por satisfazerem a seu vício. Que se com zelo de caridade fosse, não no diriam nas costas senão no rosto, com o resguardo e o segredo necessário.

Não há lança que trespasse as entranhas como a má língua. Quem a tem, tudo quer saber pera o dizer. Até os pensamentos querem adivinhar pera os converter em mal. Andam após novas dele, e destes tais é bom fogir e afastar deles, escusá-los e não acusá-los.

Quem é solta⁷⁴ de língua é de o ser da consciência. Todo o mal-dizer e que perjudica se há-de deitar da memória como peçonha, que a quem não tendes boa vontade um mosquito vos parece um alifante, e um argueiro de mal seu ùa trave⁷⁵.

Tresluzem os maldizentes⁷⁶ os defeitos doutrem e os apregoam, e aos bens são tão secretos que estão enterrados neles.

Vão-se aproveitar os maldizentes e praguentos das orelhas dos bons em que lhe pês.

Tudo o que se há-de falar e obrar há-de ser medido e aconselhado com a razão. E isto que escrevo é pera não me esquecer, que eu não queria emendar senão a mim.

Faz mal a si mesmo quem o diz de qualquer pessoa: por desencaixar o crédito de seu lugar a outrem, abate, desterra e afoga o seu.

É ùa doce fruta murmurar e emendar pera gostos danados de vontades doentes.

Dizer mal empece a três pessoas: ao mesmo que o diz, e de quem o diz, e a quem o ouve se lhe não pesou.

⁷² Falta o título tanto em L como em E. Mas o conteúdo da rubrica não deixa dúvidas.

⁷³ Segundo E. Em L: «envilhece».

⁷⁴ Segundo L. E corrige em «solto». Mas o feminino pode não ser um lapso: indica claramente que a autora se dirige antes de tudo às companheiras, a mulheres; o que ocorre várias vezes nos *Ditos*.

⁷⁵ Como diz Cristo nos evangelho (Mt 7, 1-5 ou Lc 8, 41-42).

⁷⁶ Segundo E. Em L: «maldizentos».

É grão mal saber pouco e falar muito: os pecos não se sabem calar.

LOUVORES HUMANOS

Ûa música que nos mais adoça as orelhas é louvarem-nos, que nos faz dar acolhimento ao engano.

Louvores são defesos em vida e quem a faz boa merece muitos, pois faz guerra e dá batalha a si mesmo.

O próprio louvor é vitupério; alguns por fazerem em si se louvam, e desfazem em sua autoridade: em se gabarem a si mesmos, se desgabam.

LUGAR SOLITÁRIO

Lugares solitários convidam a devação. No recolhimento estão escondidos muitos proveitos [e]spirituais.

MANDAR

Põem-se nas lanças de muitos os que têm ofícios: estão pendurados do que dirão, e como andam no corro, não podem escapar às garrochas das murmurações. Cuidam que mandam e eles são mandados, servem-se menos da liberdade que os que cuidam que a não têm. São roídos dos maldizentes, que se não podem esconder das línguas, ainda que se lhe escondam dos olhos.

[MAL]⁷⁷

Um bem de ventura dá outro; de um mal nadem muitos.

O mal é fácil e ligeiro de crer, e o bem crê-se tarde; e pola maior parte, os pecos são maldizentes e pela parvoela⁷⁸ se vingam de quem querem, e como pancada de cego assentam a mão; hão-lhe de ir com ela à garganta, porque a malícia perde sua força quando se lhe atravessa a virtude.

Os mais dos males vêm desconhecidos, em trajos de bens, rebuçados com eles; damos-lhe acolhimento, acham-nos desapercibidos, e pega[m]-se nos ossos.

⁷⁷ O título falta tanto em E como em L, mas parece omissão, segundo o que vem a seguir.

⁷⁸ O mesmo que «parvoíce».

Se pudéssemos pôr os males dos outros em ùa balança com os nossos, não os sentiríamos tanto, que uns estariam ouro e fio, outros faríamos mais pesar a outra parte, e outros nos fariam escolher por menos mal o que temos, e acharmo-nos ditosos com o quinhão que nos coube, que não há casa tão privilegiada que a paixão não entre nela per força.

MAL SOFRIDO

Os mal sofridos e perigosos tomam o escândalo⁷⁹ sem lho darem.

MAGNANIMIDADE

Com todas as perseguições havemos-de usar de grandeza do coração, e quando nos desprezam, desprezar os desprezos.

Os corações⁸⁰ grandiosos não podem repousar, passam esquivas penas: encurtam a vida por estenderem a fama.

Os corações magnânicos, não os afrontam tanto as injúrias; olham-nas com um seguro desprezo como cousa indigna deles, e buscam a paciência, que é o⁸¹ melhor inguento que há aí pera as chagas da paixão.

Não estreitam os magnânicos as cousas. Sabem que muitas hão-de sair fora dos extremos que lhe são limitados pela razão, e que a mesma busca contradições, segundo os juízos e incrinações dão as sentenças, que até a virtude tem vituperadores.

MORTE⁸²

Devemo-nos de parvenir e aperceber por não sermos pervenidos e salteados da morte, que suas lembranças danam todos os alvoroços do mundo que nos traz baldados.

Grandes sobressaltos da morte não nos devem de espantar, pois com essa condição entramos no mundo, de o deixar.

Não há na vida cousa digna de gosto nem que satisfaça quando se alembra que acaba.

⁷⁹ Segundo E. Em L: «escandolo».

⁸⁰ Segundo E. Em L: «coraçones».

⁸¹ Segundo E. Em L: «que é melhor inguento...»

⁸² Segundo E. Em L: «Morto».

De todos triunfa a morte, e tem com eles conta e ninguém lha pede. Os tristes a desejam e têm avorrecimento à vida, que se não andara pegada com a alma, fariam bom barato dela.

Não nos aparelhamos com a diligência que devia ser pera a morte, porque a figuramos longe; e ela está tão perto que dorme e come connosco. Olhamos⁸³ quanto mal olhado é não nos apercebermos⁸⁴ cada hora pera ãa tão certa, que esta é a cousa em que o siso e cuidado hão-de pôr mais suas forças.

Õa vencedora universal que dá fim às fadigas todas é a morte. Está pegada na vida, e cada dia nos corta um⁸⁵ dela e nos desafia. Esta consideração nos é necessária pera matar o fogo dos maus desejos.

MORTIFICAÇÃO

Quem viver mortificada conversará nos céus com o pensamento, desejará ver-se lá cedo. Mas quem tem o coração em diversas partes quer o contrario; passa inumeráveis trabalhos em cuidar na morte, e suas lembranças lhe estão dando estocadas na vida.

Os habituados em quebrar sua vontade podem muito consigo. São tão senhores de si que mortificam os cinco sentidos: aos apetites dão de mão, e deitam-na das cousas [e]spirituais.

MUNDO

Esperanças do mundo nunca puderam fartar nem contentar; ainda que alcançassem algũas, sempre está o desejo afiado pera mais, que ninguém deseja o que tem. O bom é despejar os olhos de toda vaidade e pôr adiante deles a virtude e segui-la.

Lisonjea o mundo alguns com afagos de prosperidades: estes, com qualquer aceno de fortuna, não têm paciência e desmaiam. Os avezados a adversidades, se não acham corte a seu mal, sofrem-no bem⁸⁶.

Os contentamentos, dá-os o mundo per onças, e a arrobas e quintais as paixões.

Tem o mundo desatinos e acontecimentos que nos dão mil mágoas. Pera as não sentir e acertarmos, há-de ser com determinação de sermos contentes com o que Deus de nós determinar.

⁸³ «Olhemos» conviria melhor aqui.

⁸⁴ Segundo E. Em L: «nã nos aperceber mas».

Segundo E. Em L: «nos corta hũa della».

A frase é quase idêntica ao último item da rubrica «Coração».

MOLHER

As mulheres vivem de crédito, hão-de ter os olhos nele. E além das obrigações das virtudes, que estão sempre tirando por elas, hão-de ter gravidade, que se são leves, dão esperanças de si e atrevimentos que lhe percam a cortesia.

Não hão-de estar as mulheres ãa só hora desarmadas de arreços.

Por a fraqueza das mulheres, são pouco aparelhadas pera sofrer as adversidades, e se lhe põe[m] ãa noda de má fama, há mister muita decoada de boas obras pera a tirar. Não hão-de abrir a porta à seguridade, hão-de andar temidas e adargadas, que são vidrentas e perigosas; aos gostos hão-de cortar o fio, e não hão-de fiar senão na roca, que o siso não se fez pera ela, senão pera elas.

Sojeições estão guardadas pera as mulheres, antes⁸⁷ que as elas saibam sentir, e depois sofrem os trabalhos, com poerem os olhos nas obrigações com que naceram. E não acoimam a crueza que com elas usou o mundo, que é de muitos anos feito; não o podem emendar.

São as mulheres incrinadas às virtudes, que polas seguirem sofrem penosas sojeições: e muitas se escondem em parte onde a não dêem de si a ninguém.

São mulheres tão cobiçosas de honra, e têm tão prezadas as bondades que por as adquirirem e fecharem as portas às sospeitas, enventaram encerramentos desconversáveis e ásperos à natureza.

Vergonha é possuída das mulheres. Elas a granjeam tanto que por mais necessidade que tenham, não querem acodir a seus desejos, cortam-lhe o fio. Amam as cousas boas em Deus e das más fogem por amor de Deus.

O geral das mulheres, todas têm angélicos costumes e nobres incrinações e lhe é aceita a vergonha, que onde se ela enxerga de fora, é sinal de boas obras de dentro. A estremidade de suas muitas virtudes não são divulgadas, porque elas pola sustentarem estão encerradas.

MUDANÇA DE VIDA

Mudança de qualquer propósito enfada, mas anda antre o couro e a carne que é fraca, desiste mal. Mas desfazer esperanças que nos sustentavam de muito achega ao vivo, estão magoando as entranhas.

⁸⁷ Segundo E. Em L: «ante que».



MÚSICA

Música é parte da alma; mas é tão conforme a compreensão, que como nos acha, assi nos deixa. É bom exercício pera nos despertar os sentidos à música do céu, pera onde fomos criados.

MENTIRA

Nos tempos de agora anda acovardada a verdade, prevalece a mentira com algũas pessoas. Os ricos mostram-se mais do que são, os pobres fazem-se mais pobres, todos mentem, uns por pouco, outros por muito. E todos pretendem ganhar vontades alheas.

NOVAS

Os tempos fazem vontades novas, e por isso se acham tantas.

NATUREZA

A natureza em qualquer idade repugna e dá guerra. Os sesudos dissimulam com ela e fazem dos desejos escravos.

NECESSIDADE

As necessidades tratam mal ao coração⁸⁸, ferem-no dissimuladamente, atromentam a gente de honra, que não podem efectuar⁸⁹ o que desejam. Esmera-se nela a paciência, cumpre-lhe tomá-la por consolação.

A necessidade é um forte e duro freo. Ela faz muitas vezes o que a razão não pode.

É mui áspera a necessidade ao coração acochado de misérias. Abate-se porque sabe o pouco crédito dos atribulados.

Sofrem imensos trabalhos os nobres corações com duas grandes competidoras que são necessidade e vergonha. Esta, se se perde, tudo é perdido: bem caro se compra o que com rogos se acquire.

Faz-nos Deus fazer per força o que houvéramos de obrar por vontade. Exercitámo-nos e regramo-nos com necessidade que é grande mestra: ensina a sofrer e esperta o engenho.

Mil repiques de tribulações têm as necessidades que afrontam a quem as tem. Em elas se acham muitos ardis, sotilezas e diligências

⁸⁸ Em E: «tratam mal o coração».

⁸⁹ Em E: «affeytuar».

que descubrem algũas cousas necessárias que enfream os apetites, que onde há afeição⁹⁰, não voga a razão.

NÉSCIO

Os néscios abatem o entendimento e botam os bons engenhos aos que os conversam contínuos.

Os néscios são azorragues dos discretos e são seu exercício.

Aperfiar e escarnecer e dizer mal é ùa grande barreira de néscios.

OBRAS BOAS

Falam as boas obras por quem as faz, e desfazem as más opiniões de línguas danosas.

Muito pouca força têm as boas⁹¹ obras e serviços quando são feitos a quem os não sabe agradecer.

Se dermos volta aos maus desejos, serão nossas obras aprazíveis a Deus e poremos em execução a sua vontade.

OUCIOSIDADE

Da ouciosidade se há-de fogir, e aproveitar o tempo em santos exercícios, porque o não tenhamos pera os vícios, que o melhor que têm é o arrependimento; e ainda não sabemos se merecemos de nos fazer Deus essa mercê de no-lo dar.

Mui danosa é a ouciosidade, e nela se recrea o desonesto imaginar que dá ásperas leis a todos os sentidos.

PALAVRAS

Palavras atrevidas mostram sair de meolo vazio. As pessoas nobrecidas de virtudes, por mais contradições que tenham, são refreadas da língua.

Palavras ásperas alteram o coração que quer ser senhor. Não há cousa que satisfaça agravo de honra a quem é escoimado dela. Não deixa dormir o sentimento: há mister ajuda divina pera as esquecer.

Palavras de bom zelo e discretas são cordiais pera quem está triste.

⁹⁰ Em E: «onde os affeyçam».

⁹¹ Segundo E. Em L: «boaa obras».

A prática pera ser aceita há-de ser verdadeira e soar a bom zelo, e chão, que a qualquer pessoa quadre, que se não pode receber bem o que se entende mal.

Prática, por mais limada e cerceada que seja, se não é verdadeira é enfadonha.

É moeda mui corrente fazerem-se aos prósperos muitas ofertas de palavras confeçoadas⁹², pera debaixo delas se cobrirem vontades más, que o tempo e a experiência descobrem.

PAZ

Onde não há paz, não há aí ordem. É desordem, descobre-se a paixão, e com ela usam mais de poder que de razão; semrazões a quem sente espertam a cólera⁹³, põem-lhe esporas à ira; até de si andam divisas.

PACIÊNCIA

Quisera louvar a paciência. Achei-lhe um ponto tão alto de perfeição que tudo o que tinha pera dizer ficou baixo, não quis começar cousa a que não pudesse dar cabo. Sei eu que os religiosos têm necessidade dela.

Há mister muita paciência quem conversar pessoas proluxas e solobras⁹⁴.

É mui necessária a paciência, que é inguento das adversidades. Permite Deus que as tenhamos: pois fazemos feitos indignos⁹⁵, que soframos castigos dignos, que justo é o Senhor que os dá.

PAIXÃO

É mais que mal não vencer as paixões, e sofrê-las e dissimulá-las⁹⁶ é lutar contino com as más incrinações.

Grande paixão tiraniza a vontade e rouba o senhorio à razão, como os maus humores causam fastio.

⁹² Em E: «confeytoadas».

⁹³ Tanto em E como em L: «a corola».

⁹⁴ O mesmo que «salobras»: que têm pouco sal, ou, aqui, pouca graça.

⁹⁵ Em E: «indigos».

⁹⁶ Segundo E. Em L: «dissimulas».

Muita paixão peja o juízo, tira a força ao sofrimento, tem a consolação por escusada e se lha dão, não a quer aceitar: em lugar de apagar angústias, as acende.

Paixão escurece o entendimento por claro que seja, e quando é tanta que suspende a razão, só por lágrimas afroxa.

São mui atrevidas [as paixões] com as pessoas discretas: vêm-se registrar nelas pola posta. Elas agasalham-nas à custa da vida e dão-lhe todo o mantimento que podem.

Oferecem-se merecimentos, se nos soubermos deles aproveitar nas paixões e pobreza, perseguições e doenças, velhices. Se nos armarmos de paciência, ser-nos-ão todas acrescentamento de prémios.

A contínua paixão muda a compreensão, e o costume dela se converte em natureza. Os desejos a forjam na frágua do coração, onde todos os sentimentos vão dar.

PECO E PEQUICE

Não há gente mais má de dobrar que os pecos, são algozes dos discretos.

Os pecos, com seus desconcertados pareceres, deitam juízos sobre as vidas alheas cheos de malícia. Hão-lhe de furtar o vento e baralhar-lhe a prática, e não os deixar⁹⁷ em seu engano.

Os torpes de engenho e pecos, se se engrudam em cobiça, todo seu aprender é ajuntar.

Pequice, não há mezinha⁹⁸ que a sare, nem razão que a encaminhe. Mas contudo, adelgaça-se o entendimento conversando discretos, e não ficam abatidos.

Rudeza e pequice, não há fidalguia nem discrição que lhe dê verdadeiro lustre, senão ùa sombra de bom ensino. São naturalmente mal sofridos e discordes, que a paz está na prudência.

Vão os pecos ao que querem tão pegados a malícia, que pelo rasto vão dar no desejo, e sabem furtar o vento com os limites que não são de seu passo, e sempre acautelados, que não há quem os engane. Os discretos enganam-se muitas vezes.

Há aí tão errados entendimentos que o seu ser tira mais a bestial que a humano. Estes, nenhum cuidado lhe rompe o sono, levam

⁹⁷ Segundo E. Em L: «dixar».

⁹⁸ Em E: «mezinhas».

sua tenção ao cabo, fazem e dizem o que querem. É um purgatório conversá-los.

Os pecos, todo seu trato são malícias, têm metido nelas seu cabedal. Toda sua indústria é enganar e morder vidas alheas sem nenhum temor, que do pouco saber vem o muito ousar.

PENA

Pena calada cala as entranhas e faz grandes notamias e mar-teiros⁹⁹ nelas.

PENSAMENTO

Pensamentos maus de contentar, é um desejo alto; não se cria senão em condição honrada.

PESSOAS DIVERSAS

Vou topar com pessoas tão leves nas determinações e tão pouco constantes, que se mudam mais vezes que ãa grimpa; encham-me de dúvidas, mas sem nenhãs¹⁰⁰ podem crer que me enfadam. Há aí outras mais ventosas que o mês de Maio, vazadas por vaidade e tão tocadas dela que todos os fundamentos fazem no ar, e sustentam-se dele como camaliões. Se os aventoejam e assopram, aproveitam por acidentes, por suas vias que são tão incertas como as mais das cousas do mundo; contudo, se lhe acertam a vea, fazem algum bem ajoe-lhado. Com as tais pessoas, eu não queria ter semelhança, porque me descontentam. Outras há aí tão abutumadas¹⁰¹ e recozidas, duras e curtas de razão, e tão desapegadas dela, que ainda que tenham algum saber, têm mais partes de más condições, e precede a malícia tudo. A estas, se lhe minha conversação pudesse negar, confesso que o faria. Outras vejo a que hei enveja, que a própria virtude têm por condição, e sem se fazerem força, se acha nelas toda brandura; têm depositadas em si todas as bondades, as entranhas sãs, o juízo claro, que seu conhecimento as não consente fazer a ninguém agravo. E destas desejo ser tributária, e de foro lhe devo querer-lhe bem.

⁹⁹ Em E: «notomias e marteyros». O mesmo que «anatomias e martírios», anatomia no sentido de «feridas».

¹⁰⁰ O texto de L, pouco legível, parece trazer «nhnhãs». Em E, «nenhã».

¹⁰¹ Em E: «abunimadas», que não faz sentido. «Abutumadas» deve ser o mesmo que «abetumadas», ou «calafateadas».

Cada um tem sua vea e funda sua opinião no que lhe contenta. Uns são alumiados da razão em ãa cousa e outros em outra. O que uns hão por bem outros o têm por mau. E todos vemos melhor os defeitos alheos que os nossos que temos mais perto.

Trato com pessoas a que acho mais folhas que um bolo e mais águas que chamalote, e andam sempre afiadas na malícia, que as não podeis tomar por parte que vos não firam. E com outras envernizadas de parvoíce sobre ruindade com listras de má inclinação, e maldizentes, não queria que me soubessem¹⁰² o nome. E outras tão diferentes, que têm em si engastoadas todas as virtudes, e se acertam de ser discretas é grão recreação pera quem as conversa: tal amizade como esta, se se pudesse comprar, eu seria mais pobre do que sou, porque sempre me acho necessitada delas.

Õas pessoas há aí metidas por dentro, que se as não tocam como estromentos, não se sabe se sabem.

Pessoas há aí tão fingidas que se prezam de enlearem as outras, e polas enganarem enganam a si mesmas. E trazem a verdade mal rebuçada, e de quem sente[m] é bem entendida, vendem suas tenções por justificadas.

Pessoas há tão apoucadas que não têm nenhum ser, e querem-se enfiar no para que não são. Todos os pensamentos trazem ocupados em contentar seus desejos.

Pessoas há aí que fazem bem e recebem-lho mal, e dizem-no delas. Mas como a mentira não tem pés, não há-de andar senão acovardada; há-de ser destruída pola verdade tarde ou cedo.

É enfadamento falar com pessoas que revocam o que dizem, e que têm as obras longe das palavras.

Gente há aí de tão rasteiros pensamentos que se cevam em baixas cousas, e qualquer delas lhe enche as medidas do contentamento.

Õas pessoas há aí que têm habilidades boas, e por elas merecem que lhe levem em conta outras que tais não são. Hão-de lhe dar falhas, que não há cousa nesta vida tão perfeita que não tenha que limar: onde vai o ferro, lá vai a ferrugem. Fiz esta lembrança pera que a tenha quem isto ler de não desestimar¹⁰³ gente de bem, ainda que saiba que embicou em algum descuido.

¹⁰² Segundo E. Em L: «sobessem».

¹⁰³ Em E, «desistir».

Costelações há tão perversas e depravadas no mal que por o fazerem a outrem o fazem a si, abstinadas e atadas a desdanhar¹⁰⁴ e murmurar, que é ãa enfermidade contagiosa e perjudicial, de que queria fogir como de peste.

PRAZER

Poucas vezes chega prazer por nossas portas, e quem tem algum, é postiço, trazido por engenhos. Não há garfos que o tenha[m], que com qualquer desejo ou perda se vai, e fica o pesar maior.

PRIVANÇA

Favores e privanças aviventam as potências e espertam-nas. Dão ousadia, e também desassossegam e inquietam. Dão muitos amigos fingidos.

Privança alevanta os [e]spíritos e afina as graças; e muda condições, dá ânimo, reforça o coração.

POBREZA

Está o mundo tão mal aforado que é a virtude pobre e mui acanhada.

Muitos fogem a pobreza, e ela alcança-os por mar e por terra; estes ficam desculpados do mundo porque puseram o corpo aos trabalhos pera que naceram¹⁰⁵. Os pobres fazem mui poucas vezes sua vontade, e se têm condição honrada, hão mister muita paciência: por cada cousa de que têm necessidade, lhe estão dando ãa lançada no coração¹⁰⁶.

Os pobres, se são discretos, têm em si um triste encolhimento, e não ousam a sair da bainha e metem-se em si como um caracol na concha: derriba-lhe as asas do coração a pobreza. E dói-lhe ver nela estar a ciência desluzida, isto humanamente, que os que são [e]spirituais, não os têm suas paixões presos, nem há adversidade que lhe afogue a liberdade.

¹⁰⁴ «Abstinadas» e «desdanhar»: em L e em E.

¹⁰⁵ Texto modificado (e mais claro) em E. Em L: «estes ficam descuidados do mundo porque puseram o corpo aos trabalhos que naceram.»

¹⁰⁶ Texto modificado em E: «porque cada cousa de que têm necessidade lhe está dando ãa lançada no coração.» Mas a versão de L faz sentido.

Poder pouco e sentir muito estraga a natureza e apostema-a¹⁰⁷, que se arrebetasse polos olhos, rebentaria quem a tem.

Remate de todas as dores é ver-se mísero, desprezado e pobre quem se viu rico e próspero. Permite-o Deus às vezes porque avonança de bens é licença de males.

Obras nos faz fazer a pobreza que éramos obrigados a elas por virtude; muitos a cousas grandes se aventuram de desventurados, achando-se famintos do necessário e fartos de o esperar.

Pobres há aí que lhe faz mais nojo o muito que têm os outros que o pouco que eles têm. E de buscarem cousas desnecessárias, lhe faltam as necessárias, e são homicidas em sua pobreza. E se é sua a culpa, também o é a pena.

PROSPERIDADE

Gente que foi próspera, se lhe é o tempo contrairo, ainda que ele tudo cura, tem o sentimento sutil, arraiga-se-lhe a tristeza, dói-lhe tornar atrás, desmancharem-lhe a autoridade; e sofrer misérias fere-lhe as entranhas.

PRESUNÇÃO

Estimarem-se as pessoas e presumirem de mais do que são é ãa aleijão tão geral que muitos manquejam dela.

Não havemos de confiar em nossas forças. Tão receados havemos de andar de nós como de imigos, pois havemos de contradizer aos apetites e pelejar com a sensualidade. Quem trabalha por se mostrar cheo de saber fica vazio, que a discrição não tira o tento, mas o põe; é um sal que tempera tudo, e onde ela está, não se pode encobrir¹⁰⁸.

Quem se preza de emendar o mundo, vem-lhe de cuidar que entende tudo. Em tudo querem entender, e casados com seus próprios pareceres querem todas¹⁰⁹ temperar a seu ponto; e tal mandar chamo eu desmandar.

Verdadeira presunção, não na pode ter ninguém se não falsa. Cada vez que nos lembrar que somos sojeitos a corrupção, desfaremos a roda: olhando pera os pés, veremos terra, em que nos havemos de tornar.

¹⁰⁷ Segundo E. Em L: «apostema».

¹⁰⁸ Em E, a frase «Quem trabalha...» constitui novo item.

¹⁰⁹ Segundo L. Em E: «todos», mais coerente. Mas o feminino pode também ter sentido.

PRUDÊNCIA

Nos princípios se hão de medir os fios com prudência, e o que se há de fazer per força, fazer-se por vontade.

Não alarguemos¹¹⁰ a rédea ao pensamento e acharemos a prudência, porque, a quem ela falta, tem-na de muitas cousas; ela é a que guia todas as outras virtudes.

PROPÓSITOS BONS

Com os propósitos alarga Deus sua misericórdia e sua liberalidade, que sofre nossas faltas com as conhecermos e nos doerem suas ofensas.

PUSILANIMIDADE¹¹¹

De apoucados e pusilânimes, não nos despoemos ao que devemos; que de andar o corpo avezado a não servir a alma, achamos tanta resistência¹¹² no que mandamos a nós mesmos que arrastando nos levamos as virtudes.

CONTA¹¹³

Contemos quantos estromentos nos deu Deus pera alcançarmos a sua graça, que tudo o que ele criou serve a nós. Sirvamos nós a ele, e ajuntemos provisão pera o necessitado dia em que havemos de dar conta tão estreita.

RAZÃO

Não tem ser humano quem não obedece à razão. Todos os que seguem estremos têm ùa ponta de doudice: cumpre com a openião, mas não com a razão. Não se pode meter entulho antre o gosto e razão: ela está mostrando a verdade.

RELIGIOSO OU RELIGIOSA

Às religiosas coutam-lhe todas as cousas que dão alívio à humanidade. A hora que se não conformarem com a vontade de Deus, não

¹¹⁰ Segundo E. Em L: «alargemos».

¹¹¹ Segundo E. Em L: «Pusinamildade».

¹¹² Segundo E. Em L: «risistência».

¹¹³ «Conta», assim em E como em L. Na mente da autora a palavra devia começar com «Q».

a terão de vida, terá um contino martírio¹¹⁴. As religiosas não fazem sua vontade senão em não a fazer. Acolheram-se ao palanque da religião donde a Deus pôs. Têm sepultadas as esperanças do mundo, a todo desejo lhe cortam o pescoço.

Os religiosos não podem deixar às vezes de ter menencória¹¹⁵, que é anexa ao encerramento, que navegam contra o vento, e alguns contra sua vontade, como em galé os forçados, que de necessidade ou vergonha enfream sua vontade.

Os religiosos que deixaram os bens temporais hão mister ter as potências socrestadas pera quebrarem sua vontade e descuidar de si pera cuidar em Deus.

Os religiosos, ainda que se ausentaram aos contentamentos, se não são da sua jurdição, não deixam de ter desafio com seus desejos e de sentirem os golpes das tentações, por mais que os receberam em abstinências.

REMÉDIOS DE TRABALHOS

Muitas cousas buscam as pessoas pera remédio, e pera terem mais que sentir as acham; engana-nos¹¹⁶ o desejo, e na execução delas, acham que era melhor não as ter.

REPUTAÇÃO

Boa reputação dá ao corpo o tempo bem gastado, e saúde à alma.

RECREAÇÃO

Pera atalharmos as tristezas, que são anexas à humanidade, há mister recreada com exercícios conformes a nossa incrinação, pera forrarmos alguns nojos, aliviarmos desgostos com defensivos que não toquem em [e]spécie de vícios, que eles e as virtudes não se habitam nem servem por ùa porta.

RIQUEZA

Mintirosa é a riqueza. Promete segurança e faz temor, traz o repouso desterrado, promete senhorio e faz servos da vaidade, promete descanso e dá cuidado.

¹¹⁴ Em E, novo item depois de «martírio».

¹¹⁵ Em E: «manencória».

¹¹⁶ «Engana-as» seria mais coerente. Em E: «engana-vos».

SEGREDO

Temos perpétua obrigação de guardar segredo inteiro, que como é roto, avoa e perjudica. Alguns há aí que por não descobrir o com que folgam, soportam muitas misérias.

SABEDORIA

Muito são pera estimar as letras e escrituras, que são vida da memória; e muito mais as ciências que nos ensinam o caminho pera a bem aventurança.

Por nos sabermos salvar havíamos de trabalhar, e anularmos os contentamentos e não lhe tomarmos salva, porque se nos não pegue algum impedimento que nos estorve.

ESCREVER¹¹⁷

Vim achar na pena descanso. Nunca me dele servira¹¹⁸ se mo não ensinaram uns livrinhos que escrevi, sem saber mais letras que as do A. B. C., por fogir ao grande pego de males que é ouciosidade.

SOBERBA

Os curiosos¹¹⁹ de serem singulares são afeiçoados a sua perdição. Obedecem a seus apetites e desobedecem a Deus. Alevantam-se-lhe com as habilidades que lhe deu e benefícios que lhe faz. Enchem-se de presunção deles, andam após o fumo das honras e assopros de vã glória, ardem em desejos de os louvarem, e são descontentes porque se não querem contentar com a parte que lhe coube na mercê do Senhor.

Os soberbos cuidam que são mais que homens e com vã glória buscam cousas que repunham ao estado que têm, e de inchados¹²⁰ não se vêem. Têm o corpo ensopado em vícios e o coração em cuidados. Seguem a vaidade e não querem seguir a razão nem someterem-se a ela.

¹¹⁷ Assim em E como em L. Mas na mente da autora, provavelmente a grafia latinizante «Screver».

¹¹⁸ Segundo E. Em L: «servir».

¹¹⁹ Em E: «coriosos».

¹²⁰ Em E: «e inchados».

SOSPEITAR

Muitos se prezam de adivinhar. E se suspeitam dalguém algũa má inclinação, aguardam-na nela a cada passo e crêem que com um muito pequeno fio a terão atada. E às vezes, está dali a verdade longe.

SISO

Siso é um relógio per onde se regem as potências. Ele deixa madurecer e degerir a seu tempo as cousas. Quando o vêem desposto pera obrarem, fazem o que devem os sesudos, e castigam-se à custa alhea.

TARDANÇA

Tardança sempre dana; quando se pode efectuar boas obras, há-se de poer diligência porque roem vidas curtas esperanças compridas, cheas de dilações.

TEMPERANÇA

Não se há de deixar desafinar a consonância da temperança porque a ira e soberba não tenha entrada em nós. Porque apartada a sanha, fica a razão livre, dá conhecimento ao juízo que siga a virtude.

Temperança e digilência são duas minas de bens. E preguiça é a si mesma pesada, e trabalhosa sem trabalhar; é um mar onde se funde tudo.

Esta nossa humanidade é um estromento mau de temperar com a razão. Tem ãas mininices que dão desgostosas dissonâncias a quem sente quão pouco pode, que não pode conformar o desejo com o poder.

TRAJOS LOUÇÃOS

Trajos louçãos, em pessoas que hão de ter conta com a honestidade, são estromentos de mau viver, com ocasião que cream delas o que não farão. E por bem feitos que sejam, são desproporcionados.

TEMOR

Os sesudos, o que hão de fazer por temor, fazem-no por sua vontade e estão pervenidos. E não lhe vem mal que os não ache esperando, e quem menos teme mais asinha cai.

Nos sobressaltos desesperados, o temor toma as armas e manda polas veas um frio debilitado¹²¹ aos despercebidos de saber; que os que o têm¹²² não lhe vem mal que lhe não tenha passado polo pensamento muitas vezes.

TRABALHO

Grande consolação é ter companhia nos trabalhos.

Todos os trabalhos se fazem leves com a esperança. Ceva-se o coração dela, que é grande mantimento pera ele¹²³.

Não fujamos os trabalhos pois pera eles nacemos. Na batalha dos contrastes e fadigas humanas se apuram os virtuosos.

TRISTEZA

Muitas vezes andamos tristes e não sabemos de quê. Deus o quer assi, porque buscamos gostos contra sua vontade, que nos venha tristeza contra a nossa, e de nos querer bem, no-lo tira das ofensas que lhe fazemos. Os tristes trazem ãa nuvem negra no coração que lhe tinge¹²⁴ tudo, que vem da própria cor. O dia lhe parece noite, a noite mais escura do que é. Onde há dor sobeja, falta o sofrimento, não podem habitar consigo, desejam achar caminho pera fogirem de si. O pesar que está semeado no coração, regam-no os olhos; e se pudessem poer[iam] defensivos pera não entrar a tristeza por quão contraira é da natureza, que até os ossos seca o [e]spírito triste¹²⁵.

Tristeza faz ãa obra desaproveitada pera o corpo, e pior pera a alma. Há mister cauterizada como herpes.

Os tristes, quando não podem desterrar a dor, todo linagem de prazer lhe avorrece, buscam gêneros de tristeza. A melhor mezinha que aí há pera ela é a razão¹²⁶. Decepa o engenho a tristeza, martiriza a vida, enlea os [e]spíritos, consume o entendimento.

¹²¹ Em E: «dibilitados».

¹²² Segundo E. Em L: «os que têm».

¹²³ Frase idêntica à do primeiro item da rubrica «Esperança».

¹²⁴ Segundo E. Em L: «finge».

¹²⁵ Em E, este parágrafo consta de três itens: um corte depois de «que lhe fazemos»; outro depois de «fogirem de si». Depois de «o spiritu triste.», tanto em E como em L, repete-se o título «Tristeza».

¹²⁶ Em E, aqui começa novo item.

TEMPO

Foge-nos o tempo, não o podemos alargar. Temos cada dia um menos de vida.

Fomos criados pera cousas grandes, não nos embaracemos com as pequenas. Riquezas alcançadas e por alcançar, todas havemos de perder em ãa hora. A fama também acaba, que muitas estão sepultadas no esquecimento do tempo, que triunfa de tudo e o consume.

Liberal é o tempo de penas e tribulações, e escasso de repouso. Não no temos, e temos temores, desastres e perigos; mas pois duram pouco, nisso se hão de ter.

O tempo é de tantas mentiras, que não ousou dizer algũas verdades. Mas ele as vai mostrando, que é grande estragador de tudo, e descobre o encoberto.

¹²⁷Os anos levam consigo as forças, mudam a compreição, desfolham, indo, os contentamentos. Seria bom, pois os perdemos, perder também sua lembrança.

O tempo acha tudo e faz cair no verdadeiro conhecimento.

Traz a idade o juízo perfeito: estimarem as cousas do mundo no que elas são, trasduzirem os enganões, e alcançarem a prudência.

Vai-se-nos o tempo debalde, perdemo-lo até o não termos pera o perder. Fazemos má partilha dele, gastamos o mais no que havia de ser menos, damos à alma mui pequeno quinhão.

Vontades novas fazem os tempos, e quem nisso atentar as dará de si. A mocidade é aparelhada a alvoroços e a cousas que têm tão comprida conta que lhe não posso achar soma. A velhice é avorrecida: pode mais com ela ãa pequena¹²⁸ de paixão, que ãa grande soma de tormentos na pouca idade.

Avisa-nos o tempo que é ligeiro. Corre depressa e prestes, passa e passamo-nos nós, abreviam-se os dias, não os podemos alargar; mas podemos aproveitá-lo, curando com diligência da alma.

Deu-nos Deus o tempo pera o servirmos, e nós gastamo-lo em suas ofensas, desperdiçando um dom tão precioso.

VÃ GLÓRIA

Tem muitos cativos a vã glória. Cria-se nas boas obras e é tão sutil que se mete nas cousas [e]spirituais. Havemos-de rebatê-la e

¹²⁷ Novo item segundo E; parece mais lógico aqui.

¹²⁸ Segundo E. Em L: «ãa pequena».

degradá-la, e confundirmo-nos, pois não temos nada de nosso que seja bom: tudo nos vem de acarreto da mão de Deus.

VAIDADE

Onde há vaidades acham gasalhado¹²⁹; sobe-lhe às nuvens o pensamento, mete-lhe¹³⁰ nele tanto que lhe desperta e desenfrea o desejo, e fá-los maus de contentar e tristes; e ferem com sospiros o ar; andam cheos dele e vazios de repouso.

Querer sustentar vaidades costumadas faz não ter paz conosco e enredarmo-nos em cuidados roedores do [e]spírito.

VINGANÇAS

Vinganças não são de bons [e]spíritos, avorream-nas os discretos; e se dão um pesar, ficam-lhe cento.

VELHICE

Velhice é mal desejado, traz muitos consigo, fraquezas e desconfianças. Aos regidos por regra de galantaria, baixa-lhe a soberba, amadurece-lhe o siso. Colhe o fruto da virtuosa mocidade, que é honra e crédito.

Dous bens têm os males da velhice: experiência e estarem mais chegados ao cabo destas misérias que todos passamos.

VERDADE

Verdade é um alicerce sobre que se há-de fundar toda prática; que por mais que a queiram esquecer, sempre resplandece e pode mais que tudo.

VONTADE

Não há lugar onde a fazenda estê melhor empregada que nas vontades das pessoas.

Não podem amansar-se muitas vontades em ãa, e daqui vêm algũas quebras que hão de soldar os discretos que obedecem a todo justo.

Não há prudência que possa afinar-se a temperar de todas as vontades, que são diferentes no sentir e discordes nas condições. Que ãas

¹²⁹ Em E: «Onde a vaidade acha gasalhado...». Mais coerente, mas a lição de L parece aceitável.

¹³⁰ Em E: «mede-lhe».

palavras são aceitas e desemportunam a uns, e as mesmas avorrecem e afrontam aos outros, que o sol abranda a cera e endurece o barro. Faz ãa obra duas contrariedades segundo as calidades que acha.

Contrario minha vontade porque a tenho por suspeitosa em tudo com que folgo.

Tenho minha vontade por suspeitosa, e parece-me que desacerto todas as vezes que me aconselho com ela.

Vontade certa em lugar incerto dá à vida dias mortos. E se se não pegarem com ambas as mãos ao esquecimento, e se se não fizerem noutra volta, dar-lha há o meolo.

Aos pobres, leva-se-lhe em conta de obras a vontade, que onde ela está certa, não há cousa duvidosa. Está tresluzindo quem a tem sã, que quem faz o que pode cumpre com o que deve.

Vontade desordenada armada sobre o incerto perverte o juízo, que o faz carecer do conhecimento da verdade.

VERGONHA

O freo da vergonha tira pola gente de bom entendimento e os faz obrar cousas contrairas à vida, que tem muitos cargos que com seu peso a encurvam e consumem os dias dela.

VIÇOS

Um viço abre a porta aos outros, e desde entram fecham-nas, às virtudes lhe não dão acolheita. Os emburilhados nos viços amam a carne e avorrecem o [e]spírito, vivem como que não hão-de morrer.

São tão maus companheiros os viços que os que os têm perdem o tino da razão, andam discordes, trazem os [e]spíritos inquietos, a consciência lhe está roendo o repouso.

VIDA

Está a vida sojeita¹³¹ a desaventuras. A mocidade com a pouca experiência dá muitas cabeçadas; como carrega a idade, aperta a velhice por muitas partes, diminui a saúde¹³², gasta as forças, e quanto maior estado menos liberdade. Nas cousas desta vida, não há outra certeza senão serem todas incertas e mudáveis. ¹³³Por um assopro de

¹³¹ Segundo E. Em L: «sobgeita».

¹³² Segundo E. Em L, palavra ilegível.

¹³³ Aqui, em E, novo item.

vida, nos desvelamos e deitamos muitas traças e medidas que nos não encham as do coração, que foi feito pera cousas celestiais e sempre está faminto.

VIRTUDE

Onde há virtude mais move a razão que nenhũa grande vontade, que com o costume dela se sojigam todos os outros movimentos.

Os virtuosos avorrecem a hipocresia, nenhum acolhimento lhe dão, que quem tem conta com sua alma não na faz de fingimentos; trabalham por serem bons e não polo parecerem.

Que queiram esconder a virtude, ela mesma se mostra; e que a sigam per caminhos trabalhosos, o costume os faz ter em pouco.

Seria bom andarmos tão afiados na virtude que cortássemos polo são sempre com¹³⁴ nossos maus desejos e inclinações com que nacemos.

Têm ãa conformidade as virtudes consigo, que por muitas que sejam, fazem ãa só vontade. O mundo faz muitas vontades, e o pensamento dele desbarata quem o tem e leva a muitos perigos; e se se entende, há-de andar sempre perafusando com a imaginação, contentando sua própria paixão, lutando com a fantasia.

Virtudes se hão de entesourar, e não dinheiro. Mais asinha se gastam elas que ele entre os viços.

Virtudes são tão encadeadas ãas com outras, que a qualquer que nos pegarmos, levaremos as outras após nós. Façamos por conhecer a Deus pera que não nos desconheça.

ZOMBARIAS

Zombarias diminuem a gravidade, às vezes se dizem a custa alhea e por isso só se haviam-de escusar; não são novas folgá-las de ouvir.

ZELO DE VIRTUDE

Zelo é de virtude dizer a que há em nos outros¹³⁵, e grande tacha descobrir as faltas alheas.

Fim

¹³⁴ Em E: «em nossos maus desejos».

¹³⁵ Em E: «a que há nos outros».

TROVAS, VILANCETES E SONETOS, CANTIGAS E ROMANCES, AGORA NOVAMENTE FEITAS POLO MESMO AUTOR

[1]

*Começa ãa prática que tem a Velhice com a Razão*¹³⁶.

Velhice

Poderei eu mal contar
o que sente a velhice?
E acha quem a cobice
e quem a vá desejar!

5 Muitos querem lá chegar,
buscam-na per muitos modos;
ela escarnece de todos
e faz deles mau pesar.

Razão

Vai-se com a idade
toda a falsa presunção,
desfa[z]-se a openião,
descobre-se a vaidade.
Traz consigo gravidade,
acrecenta a discrição,

15 faz usar mais de razão
que do que quer a vontade

¹³⁶ O diálogo, na verdade, justapõe dois monólogos alternados, na medida em que Velhice e Razão não se respondem: limita-se cada uma a expor o que sente, sem atentar muito no que diz a outra. O poema consta de 8 oitavas em redondilha maior. Rimas consoantes dispostas em cada estrofe segundo o esquema: a b b a a c c a.

Velhice

Ver-se desafigurada,
nas feições grão desconcerto!
Dói-lhe estar muito perto
20 de ser em terra tornada;
não pode folgar com nada,
tudo lhe dá pesadume;
todas as forças consume
a vida que é perlongada.

Razão

25 Do que tem experimentado,
tem muitas experiências;
em que não saiba ciências,
o tempo lhas tem ensinado.
Tem do coração riscado
30 todas as cousas de engano,
não lhe pode já vir dano
que não tenha atalhado.

Velhice

Despede-se a gentileza,
a fresquidão destruída,
35 a carne que é franzida,
com todo prazer lhe pesa.
Acha em tudo fraqueza,
tem muitas enfermidades,
desmancha as habilidades,
40 converte tudo em tristeza.

Razão

Por força lhe hão-de fazer
acatamentos divididos;
os viços têm despedidos,
fazem por os esquecer.
45 Não querem outro querer
senão o que é verdadeiro;
têm o coração inteiro,
têm em si muito poder.

Velhice

Os dentes se deitam fora,
50 as cãs entram desmandadas,
a gota dá mil picadas,
a vista se empeora,
as dores vêm cada hora,
dá-lhe pena a lembrança,
55 tem muita desconfiança,
tristeza com ela mora.

Razão

Vive muito mais segura,
pois está desenganada!
Não deixa de ser honrada,
60 que não tenha fermosura.
A frol que tão pouco dura
não autoriza a pessoa,
que a fruita pera ser boa
há-se de colher madura.

Fim

[2]

*Prática que tem o Sentimento com a Razão*¹³⁷
sobre uns agravos que lhe fizeram

Sentimento

Fizeram-me grande afronta
ainda queixar-me não ousou:
pede-me a fortuna conta
dalguns dias de repouso;
5 por força me hei-de agastar
de comprir tantos preceitos;
mouro com dissimular
agravos que me têm feitos.

¹³⁷ Diálogo composto como o anterior (8 oitavas), mas desta vez com maior sentido dramático: Sentimento exprime-se na primeira pessoa, e Razão responde-lhe de modo adequado. Rimas consoantes dispostas segundo o esquema a b b a c d d c (ou c d c d).

Razão

- Pois que Deus quer, querei vós,
 10 não tomeis por todas pena;
 já que de cima se ordena,
 lembre-vos que não sois sós;
 em grande desventura,
 tenho eu esprementado
 15 que tem o tempo curado
 cousas que não tinham cura.

Sentimento

- O mal me entra às braçadas,
 não há tanto sofrimento!
 tenho das portas adentro
 20 dez mil penas encerradas:
 tomaram de mim vingança,
 deram-me tristeza pura;
 em quê há de ter confiança
 quem tem tão triste ventura?

Razão

- 25 Se achasseis paciência,
 terieis¹³⁸ consolação;
 deitai fora a paixão,
 agasalhai a prudência:
 muitas voltas dá o tempo;
 30 no que impossível parece,
 dar-vos-á contentamento
 no que vos mais entristece.

Sentimento

- Tenho o gosto sepultado
 e mui vivo o tormento;
 35 sempre de contino sento
 o coração magoado;
 pois que sou do pesar digna,
 quisera não ter sentidos;
 este trabalho me ensina
 40 haver dó dos perseguidos.

¹³⁸ No original: «tirieys».**Razão**

- Pesa-me ver que não vedes
 que vos tem a paixão cega:
 o que vos o mundo nega
 é pera mais merecerdes;
 45 não sei porque vos matais,
 deveis vós de crer de mim:
 lembre-vos que há de ter fim
 o mal de que vos queixais.

Sentimento

- Aquestes¹³⁹ conselhos são
 50 os que os são dão aos doentes;
 são pesares diferentes,
 juntam-se no coração
 e partem-mo polo meio;
 té alma me vão ferir,
 55 são como a brasa no céu
 que se não pode encobrir.

Razão

- Vós navegais contra vento,
 levais o norte errado,
 corre tudo apressado
 60 e desfaz em um momento;
 o tempo estraga e destrui,
 vai-lhe tudo obedecer,
 acrecenta e diminui,
 faz e torna desfazer.

¹³⁹ No original: «Aquesses».

[3]
*O Autor*¹⁴⁰

Encerrada com tristezas,
meu desgosto é o que vejo,
sem ver al,
sofrendo mil asperezas;
5 vai-me perseguir desejo
por meu mal.

De penas acompanhada,
das que sinto as mais fortes
não dizendo,
10 de mim mesma espantada
como vivo, tantas mortes
padecendo,

Não faço minha vontade,
tenho-a de não na ter
já de nada;
15 esta desconformidade,
não sei quando há de ser
acabada.

Já dela viver não sei,
20 porque em tudo fui achar
grão desvio:
quando na roda fiei,
foi-me a fortuna quebrar
logo o fio.

25 O gosto tenho perdido
e qualquer cousa dele
me avorrece;
em pesar¹⁴¹ é convertido
o prazer, que cuidar nele
30 me entristece.

¹⁴⁰ É o poema mais comprido do conjunto, de tom claramente autobiográfico. Consta de 30 sextilhas em que alternam regularmente dois versos de redondilha maior e um verso de 3 (ou 4) sílabas. As rimas dispõem-se da maneira seguinte: a b c a b c.

¹⁴¹ No original: «em pesaa».

Mortais são já meus sentidos,
nem tocar, nem cheirar querem,
nem gostar;
não ouço senão gemidos,
35 os olhos de que mais servem
é de chorar.

Na garganta trago um nó
sem engulir poder¹⁴²
o que alma sente;
40 eu e meu cuidado só¹⁴³,
faço vida, sem viver
nunca contente.

Os sentidos magoados
Levam-me a fantasia
45 à paixão;
de um cuidado, mil cuidados
me recrecem cada dia
ao coração.

Trabalho por descansar,
50 não me deixa o que sento,
que me estorva;
se vou pera repousar,
acode-me meu tormento
que me acorda.

55 Sabendo que acaba tudo,
não posso comigo acabar¹⁴⁴
o que quero;
ando buscando descuido,
de quanto se pode esperar
60 desespero.

¹⁴² Falta uma sílaba. Emenda possível: «sem mais engulir poder...».

¹⁴³ Ver Bernardim RIBEIRO, *Obras Completas*, Prefácio e notas de A. RIBEIRO e M. MARQUES BRAGA, Lisboa, Clássicos Sá da Costa, vol. II, p. 178: «Cuidado tã mal cuidado/ quãdo maveys de leyxar/ pera tanto nam cuidar.»

¹⁴⁴ O verso tem uma sílaba a mais, a não ser que a autora tenha na mente a forma arcaizante «migo», em vez de «comigo».

A mi não são concedidas
as cousas de passatempo
que dão prazer;
queria as ter esquecidas,
65 pois vão todas num momento
perecer.

O desejo aperfia
por querer tudo pesar,
estou em balança:
70 o bem é o que desvia,
o mal sinto sempre estar
sem mudança.

Comigo me desavenho¹⁴⁵,
e qualquer via que siga
75 me atormenta;
o mor mal de quantos tenho
é não ter a quem o diga
que o senta.

Muitos vivem de esperança,
80 eu de desesperar dela
me sustento;
a tristeza sem mudança,
de muito sentido dela,
já não sento.

85 E vivo martirizada,
a tudo o que não queria
são sojeita¹⁴⁶;
com mil tentos atentada,
faço conta cada dia
90 mui estreita.

¹⁴⁵ Ver F. de SÁ DE MIRANDA, *Obras Completas*, Texto fixado, notas e prefácio pelo Prof. M. RODRIGUES LAPA, Lisboa, Clássicos Sá da Costa, vol. I, p. 8: «Comigo me desavim,/ sou posto em todo perigo;/ não posso viver comigo/ nem posso fugir de mim.»

¹⁴⁶ No original: «sam sobgeyta». «Sam» é aqui variante de «sou».

Cuidar já remediar
os tormentos que padeço
é escusado:
querendo os desempear,
95 se lhe acho o começo,
não têm cabo.

Não me dá nada de nada,
vivo livre de esperança,
sem querer tê-la,
100 tendo-lhe a conta deitada
que não se acha segurança
em querê-la.

Tem-me causado o desejo
um contínuo cuidado
105 trabalhoso;
parece-me quanto vejo
da minha dor magoado
e queixoso.

O mundo pouco tratei,
110 achei-me bem enleada
no que senti:
o que dele alcancei,
achei tudo que era nada
quanto vi.

115 Vejo o que se deseja,
depois de ser alcançado,
não contentar;
não há prazer que o seja,
perdido tenho o cuidado
120 de o buscar.

O que o mundo pode dar,
deu-mo com seu interesse,
emprestado;
em o querendo lograr,

125 logo me desaparece
em outro estado.¹⁴⁷

E tudo dá desta sorte:
gentileza e fermosura
que se possui,

130 com a velhice ou morte
tudo se desafigura
e destrui.

Quis apontoar a vida,
arrimei-me à esperança
135 por ma soster,
achei que era perdida,
também a sua lembrança
fui perder.

A roda vi desandar,
140 as confianças vieram
destruídas;
não me quis mais enganar
que seus gostos não me encheram
as medidas.

145 Pera não ter sentimento,
buscou-me toda razão
e não me val;
tenho-a das portas adentro,
não me deixa a paixão
150 cuidar em al.

Os enganos já não têm
comigo nenhũa valia¹⁴⁸
nem terão nunca;
o mal me escramentou bem,
155 com trabalhos já devia
ser defunta.

¹⁴⁷ Talvez seja plausível ver nesta sextilha uma alusão à breve experiência de casada da autora.

¹⁴⁸ Ver nota 141.

Quem bem o mundo entender
sentirá como se move
e se muda:

160 ninguém pode o que quer
nem menos faz o que pode
se é sesuda.

Todos os que muito sentem
podem pouco repousar

165 neste tempo,
as esperanças lhe mentem,
é neles certo o pesar
e tromento.

Pois tudo fim há-de haver,
170 demo-la à vaidade
com razão;
temos certo não saber
cada um em que idade
o chamarão.

175 Devemos sempre cuidar,
diante dos olhos tendo
hora tão forte,
compre-nos de despertar,
que imos a posta correndo
180 pera a morte.

[4]
[Décimas]¹⁴⁹

O mundo lá me levou
após si um pouco tempo;
cedo me desenganou
e me pagou com tormento;
5 quando lhe tomei o tento
achei-o bem diferente.
Vi que não ia segura,
vi muita desventura,
nenhum estado contente
10 e todos de pouca dura.

A vaidade segui,
de que tenho grande afronta
de alguns gostos que fengi;
de mi mesma me corri
15 quando me tomava conta.
E por não ir adiante
em tão errada tenção,
por buscar a perfeição
acolhi-me a este palanque
20 da santa religião.

Não buscarei servidores,
são¹⁵⁰ contente de servir;
pois que em tudo há dores,
em que estas sejam maiores,
25 quero-as por Deus sentir.
Meu comer é por regra
que me obriguei a guardar;
quem busca manjares erra:
pois tudo come a terra,
30 pera que me hei-de poupar?

¹⁴⁹ No original, este poema segue o anterior sem separação. De facto, o título «O autor» pode ser comum de ambos. Mas a versificação é bem distinta: 6 décimas em versos heptassílabos, com 4 rimas não sempre consoantes (2 rimas em cada meia estrofe) dispostas com relativa liberdade.

¹⁵⁰ Variante de «sou».

Aqui estou oferecida,
a mil angústias atada,
com ùa corda cingida,
com a vontade trocida,
35 pera a não fazer em nada;
trabalho, e sofrimento
por hábito tomarei;
de um pardo me vestirei,
passado, porque passei
40 tudo pelo pensamento.

Pois vejo o que não via,
trarei bastos os toucados,
que os que no mundo trazia
tinham os fios delgados;
45 cortam toda alegria.
Queria por mi olhar
porque a alma não padeça
quando me houver de apartar;
e se vaso hei de tomar,
50 eu o porei na cabeça.

Enganos sei-os sentir,
mas não os posso contar
nem com contas assomar:
não as queria pedir,
55 nem muito menos as dar.
Nenhum gosto buscarei
por não ver quão pouco dura;
do mundo me esconderei,
do qual nada esperarei,
60 senão só a sepultura.

[5]¹⁵¹
Vilancete

De ser mais triste espero,
vivendo desesperada
de tudo o que desejava.

5 Tinha grande sentimento
de não ter já que esperar;
agora vai-me matar
esperar por mais tormento;
este descontentamento
me traz a alma trespassada,
10 que não posso já com nada.

Duas mil penas mortais
recebia cada dia;
se com elas não podia,
como poderei com mais?
15 Trabalhos tão disiguais
me têm já tão magoada
que ando de todo pasmada.

[6]
Vilancete

Encubro e calo o que sinto
por meu mal dissimular,
e o rosto vai-o mostrar.

Onde rege a vontade,
5 não tem valia a razão;
em saindo a liberdade,
entrou logo a paixão;
quem tem tal conversação
sem poder desabafar,
10 há-se-lhe o mal de enxergar.

¹⁵¹ Os vilancetes 5, 6, e 7 desenvolvem um mote de 3 versos em uma ou várias voltas de 7 versos de redondilha maior. O dístico final de cada volta retoma as rimas do dístico final do mote.

A fim daqueste começo,
eu a vou na alma sentir,
a mi dói, eu o padeço,
também o que está por vir;
15 por mais que eu queria fingir
e meus desgostos calar,
o rosto vai-o mostrar.

Este descontentamento,
eu o tenho todo só;
20 dobra-se-me o sentimento
em ver haver de mi dó;
não foi acontecimento,
mas querem-se vingar
em me darem este pesar.

[7]
Vilancete

Descobrem-me meus olhos
o que encobre o coração,
pera mais minha paixão.

Mui tristes e agravados
5 de após minha dor correrem,
porque viram em não verem
senão meus gostos quebrados,
de si mesmos magoados,
descobrem minha tenção
10 pera mais minha paixão.

[8]¹⁵²
Vilancete

Tudo vai minguando
naquesta defesa
e crece a tristeza.

¹⁵² Note-se neste vilancete a opção por versos pentassílabos, e o jogo sobre a polissemia da palavra «defesa», nome de uma das herdades que possuiu Joana da Gama, como vemos no seu testamento. Único poema em que surgem alusões a uma paisagem natural.

5 Se vou pera a ver,
 vejo-a deserta,
 a mágoa aberta,
 fechada ao prazer;
 não pode nacer
 naquela defesa
 10 senão só tristeza.

Se acho hora boa,
 é três por cuidado;
 o sentido voa
 ao mal semeado:
 15 está arreigado
 com tanta defesa
 que crece a tristeza.

Tudo se secou
 sem cor de esperança,
 20 o tempo levou
 toda confiança;
 a pena ficou
 com quem bem me pesa
 naquela defesa.

[9]¹⁵³

Outras [trovas] sobre o canto

O tempo é imperfeito
 por um modo que me espanta,
 entoado por tal jeito
 que o bem chora e o mal canta;
 5 as tristezas não têm meio,
 nem lhe posso achar fim;
 arte de tanto enleio
 foi-se começar em mim.

¹⁵³ Poema baseado em termos de técnica musical, habilmente utilizados para exprimir sentimentos. 5 oitavas em redondilha maior. Rimas consoantes dispostas segundo o esquema: a b a b c d c d.

10 Não se pode apontar,
 que a dor é proporção;
 tudo vai unisonar
 ao triste coração;
 com duas mil divisões,
 a muitas fiz acordadas
 15 segundo as inspirações,
 assi vão contrapontadas.

O meu cantar é por regra,
 não tenho nenhum espaço;
 lembranças me dão a guerra,
 20 o mal me dá sem compasso;
 se um ponto de gosto vejo,
 levam-mo da fantasia;
 contra tenho ao desejo,
 mínima é alegria.

25 Vejo muitas mudanças
 e meu mal nunca mudado;
 são graves desesperanças,
 por bequadro é o cuidado,
 a corchea de aspereza
 30 com mal não sei dizer quanto,
 a vida me dá tristeza,
 por cantar dela descanto.

Sobre agudas penas sinto,
 baixa é minha ventura,
 35 todo quanto tenho dito,
 choro sem poder ter cura;
 longa é minha desdita
 e breve foi meu prazer;
 toda a arte tenho vista,
 40 falsete não sei dizer.

(10)
[Trovvas]¹⁵⁴

Não há firme estado,
nem de dura,
nem quem estê segura
de cuidado;
5 tudo o que é desejado
pode avorrecer;
o que está por vir há de ser
como o passado.

Ando desfigurada,
10 não me conheço;
tem-me este mal que padeço
já mudada;
triste e mui anojada
com razão,
15 acho toda consolação
escusada.

Cada um tem seu desejo
por sua via;
não sei parte de alegria,
20 nem a vejo;
tenho tormento sobejo
de me assi ver,
levo pena em o dizer
e grão pejo.

O tempo não dá alegria
verdadeira;
tirado pola fieira,
sai vazia;
ninguém tem o que queria,
25 nem se conhece;
30 cada um pena padece
cada dia.

¹⁵⁴ A métrica deste poema é interessante e original. Nas 6 oitavas, alternam sistematicamente versos ímpares de 5 a 7 sílabas com versos pares de 3 ou 4 sílabas. As rimas a b b a a c c a produzem um efeito musical muito acertado.

Não me posso de tristeza
já valer;
35 qualquer cousa de prazer
me é defesa;
folgo com o que me pesa
por acabar,
vai-se-me então começar
40 outra crueza.

Tem-me a dor de tal feição
destruída,
que a alma trago esquecida
com razão;
45 trago sempre o coração
magoado,
sempre mal acompanhado
com paixão.

[11]
Romance

Onde acharei sofrimento
pera vida tão penada?
Não me deixa meu tormento,
com a dor desesperada,
5 tem-me feito tanto dano
que me tem a alma chagada,
no meio do coração
tristeza apousentada,
não lhe posso fogir, não,
10 que comigo vai pegada;
tem-me as potências tomadas,
que me não servem de nada;
nenhã cousa de gosto
em mim pode ter entrada;
15 se algum¹⁵⁵ hora prazer vejo,
faz-me ser mais enojada;
mil gritos dão meus sentidos
quando eu estou calada.

¹⁵⁵ No original: «algum», provavelmente por causa da métrica.

[12]¹⁵⁶

Soneto

Não sejamos jamais tristes, descontentes;
alegres nos poderemos a nós buscar
e logo alcançaremos a Deus achar
se andarmos na oração mui correntes.

5 Ela nos ensinará a ser prudentes
e quem somos e quem é Deus meditar.
Fujamos de todos gostos diferentes
por não irmos em seus laços empear.

10 Conversemos no céu com a fantasia,
estando lá vontade e inclinação,
que não quer Deus mais que o coração.

Demos-lho com mil louvores cada dia,
não sejamos de nossa alma esquecidos,
pois somos por tanto preço redemidos.

[13]

Soneto

Tem-me a paixão tudo ocupado,
que o entendimento¹⁵⁷ não pode valer,
nem quer se cale, nem menos dizer,
neste extremo tal me tem um cuidado.

5 Tem-se do coração já apoderado,
que lembranças tristes não posso esquecer,
nem tenho poder pera assi não ser,
que o jeito que mostro é todo forçado.

¹⁵⁶ A disposição das rimas deste soneto difere pouco da que rege o soneto clássico introduzido em Portugal por Sá de Miranda (A B B A, A B A B, C D D C E E). Nos sonetos 13 e 14, o esquema A B B A é conservado no segundo quarteto. O soneto 14 apresenta apenas 2 rimas na sextilha final (C D C D C D). Mas nos três sonetos a métrica dos versos não é a do decassílabo quinquentista, com acento principal na 4.^a ou na 6.^a sílaba: aliás, a maioria dos versos têm mais de 10 sílabas.

¹⁵⁷ No original: «entidimento».

10 Nestas contendas eu ando comigo,
vejo contra mi muitas semrazões,
per todos os sentidos me entram as paixões,

que eu mesma comprei os trabalhos que sigo.
Consolo-me, que tudo tem fim e acaba,
o que eu queria é não querer nada.

[14]

Soneto

Quem consigo puder o desejo enfrear
estará livre de esperanças compridas
que com suas tardanças consumem as vidas
e a todos estados dá[o] muito pesar,

5 e o tempo se nos vai sem nos aproveitar.
De tamanhas mágoas andemos temidas,
pera quantas vierem bem apercebidas,
porque com as virtudes nos possamos pagar

10 com desejo perfeito de as sempre seguir.
Julguemos o porvir pelo que é pas[s]ado,
que tudo a ãa medida se há de medir.

Não gastemos o tempo mal gastado,
que esta é a perda que é¹⁵⁸ mais de sentir,
quem da graça de Deus estiver dotado.

[15]¹⁵⁹

Cantiga

Tristezas me têm
em um estado tal
que escolho por bem
ir sofrer meu mal.

¹⁵⁸ Assim no original. A coerência com o verso seguinte exigiria pelo menos «há».

¹⁵⁹ Cantiga em pentassílabos, mote de 4 versos, voltas de 8 versos. A autora revela uma real virtuosidade na aplicação da regra que consiste em introduzir as últimas palavras do mote no fim de cada volta. Notar os dois últimos versos heptassílabos.

5 Este sentimento,
a alma o padece,
sempre lhe recrece
descontentamento;
remédio não tem
10 dor tão desigual,
senão ter por bem
de sofrer meu mal.

É muito o pesar,
não posso acabar
15 comigo de crer
que o hei-de sofrer.
A mágoa me tem
em extremo tal
que acho que é bem
20 poder com meu mal.

Pena encuberta
é a que entristece,
tem a paixão certa,
que nunca falece;
25 e de a ter me vem
andar tão mortal
que não folgo com o bem
nem me pesa com o mal.

[16]
[Trovas]¹⁶⁰

Deu-nos Deus a lei tão boa
que a comprimos com pena,
mas as que o mundo ordena,
não sinto que lhe não doa.
5 Andamos atormentados

¹⁶⁰ As 3 oitavas que compõem este poema têm uma organização bastante original: duas meias estrofes, uma de 4 heptassílabos, outra em que alternam versos ímpares heptassílabos e versos pares de pé quebrado. Duas rimas por meia estrofe.

de necessidades,
de contino enleados
com vaidades.

Põe a vida em maus termos
10 desgostos de sojeição;
a nossa custa sostemos
a alhea openião.
Andamos contrariando
a natureza,
15 está-nos martirizando
a tristeza.

Duas mil contradições
tem qualquer contentamento
e estas imaginações
20 magoam o pensamento.
Vem o desejo cramar,
e tem razão,
que tudo lhe vão coutar,
senão paixão.

[17]
[Outras trovas]¹⁶¹

Não me velei da ventura,
ela é que me persegue,
tem-me a todo mal entregue:
sem viver hora segura:
5 tudo temo.
Estou posta em extremo
de todo o sentimento,
não me fio do que ordeno,
que é com descontentamento.

¹⁶¹ No poema final (4 estrofes de 9 versos) reaparece o tom autobiográfico dos poemas 3 e 4. Notar o acerto do verso breve no meio da estrofe, a regularidade da disposição das rimas na primeira meia estrofe (a b b a), a mudança de rima que põe em relevo o verso de pé quebrado e a relativa liberdade na disposição das rimas c, d na segunda meia estrofe.

10 Antre paredes e dores,
com muitas perseguições,
uso de lamentações
com trabalhos e temores
cada hora.

15 Vejo custumar agora
mui pouca conformidade,
a mentira andar por fora,
e por dentro a verdade.

A dor daqueste cuidado
20 tira-me todo o poder,
e por mais mal padecer,
este me estava guardado
pera este tempo.

Com falta de sofrimento,
25 faço só um triste pranto,
vem de muito sentimento
esta pena pesar tanto.

Não há dor que me não cate;
vai o mundo de feição
30 pera eu sempre ter paixão
até que algũa me mate
pera bem ser.

Não divera eu de viver
tendo o gosto perdido:
35 vejo o tempo comprido,
e meu desejo o não ser.

Fim

DOCUMENTOS¹⁶²

Testamento de Joana da Gama

[p. 1] Em nome de Deos Amen. Saibão os que esta cedola e testamento, e ultima vontade virem como eu Joana da Gama beata por não fazer profissão e estar sempre na posse de minha fazenda posso testar della e por não saber a çerteza da hora em que nosso Sñor me querera levar desta vida presente sendo moradora nesta çidade de Evora estando sãa e em meu perfeito juizo e entendimento temendo a morte faço e ordeno esta minha çedola e testamento nesta maneira seguinte.

Primeiramente encomendo minha alma a o Sñor Deos que a criou e remio, e quãdo a elle aprouver levarme da vida presente mando que o meu corpo seja enterrado na Igreja da Misericordia em hũa sepultura que o Sñor provedor e Irmãos me darão a qual será paga, e acompanhar me ha a Confraria da Irmandade e lhe deixo por isso de esmola dez mil rês. It. mando que me enterrem no habito de Sam Francisco o qual me vestirão os Padres da dita ordem e lhe deixo quatro mil rês de esmola e lhes peço por caridade queirão acompanhar meu corpo té a sepultura. It. acompanhar me hão todas as freguesias, e cada hũa dellas me dira hũ officio de tres lições. E no mesmo [p. 2] dia de meu enterramento me mandara o Capellão da Misericordia dizer outro officio de tres lições. It. no dia de meu enterramento offerirão com meu corpo hũ quarteiro de trigo e hũ odre de vinho e dous carneiros, e me acompanharão doze pobres com doze tochas e darão de esmola a cada hũ delles hum vintem. It. no altar mor de São Joam Evangelista me dirão cinco missas das chagas. It. mando que podendo ser digão por minha

¹⁶² Os documentos transcritos encontram-se no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, conservado no Arquivo do Distrito de Évora. Foram recolhidos no *Livro das mercearias que deixou Joana da Gama moradora nesta cidade d'Evora o qual / he o primeiro que servio e comerá por dia / da visitação deste anno presente de noventa e sete. 1597*. A cópia do testamento de Joana da Gama traz a data com data do 14 de Abril de 1597. A transcrição é tão exacta quanto possível. Já foi publicada em: A.-M. QUINT, «Joana da Gama: une femme écrivain dans le Portugal du XVI^e siècle», in: *Modèles et innovations, Cahiers du CREPAL n° 2*, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, 1995, pp. 55-59. Os outros documentos são inéditos.

alma na igreja da Misericórdia hũ anal de missas rezadas que serão pagas segundo costume.

It. deixo a os herdeiros de Maria Vaz quinze mil rês pelo tempo que esteve em minha caza por que entendo em minha consciencia não lhe dever mais, e todo o sobredito se comprira do ouro e prata que por minha morte se achar, e não bastando se comprirá da renda dos moios que ouver em caza ou da primeira novidade que vier.

It. deixo a Lioniza Correa minha criada e a seu marido Francisco Carvalho todo o movel da minha caza que não for de ouro e prata, do qual movel se pagara tambem o quarto de trigo que tomo pera offerta de meu enterramento, e todo o mais movel que se achar lhe deixo como dito he.

It. Deixo a Isabel da Gama minha sobrinha livremente hũ terço da herdade que tenho no termo da villa de Evora Monte sem obrigação algũa, do qual podera fazer tudo o que lhe aprouver.

It. Declaro que eu tenho a maior parte da herdade que se chama das Azinheiras que esta em termo desta cidade indo pera Montemor que parte com outra herdade minha que se chama A Defeza e com outra herdade que chamão a Souza de que eu sou maior Sñrio e me rende ora a respeito do que arrendei a terra toda tres moios e vinte alqueires. SS. dous moios e [p. 3] vinte alqueires de trigo, e hũ moio de çevada com suas pitanças.

It. Declaro que tenho mais a maior parte com Sñrio de hũa herdade que se chama A Defeza e Brandoa que parte com herdade sobredita e pela venda de Patalim, e com estrada de Montemor a qual me rende ora conforme o arrendamento que tenho feito seis moios. SS. quatro de trigo e dous de cevada com suas pitanças¹⁶³. Os quaes quinhões e rendas das sobreditas herdades assim e da maneira que os eu tenho e possuo, e me pertencem deixo a Izabel da Gama minha sobrinha em sua vida somente com tal condição que da herdade da Defeza e Brandoa que me rende os seis moios dará moio e meio de trigo cada hũ anno a Francisco Carvalho meu criado e a Lioniza Correa digo e a sua molher Lioniza Correa e a sua filha Joana. SS. trinta alqueires a cada hum e isto em suas vidas e de cada hum delles somente, e por morte de todos tres ou de cada hum delles sendo viva a dita Isabel da Gama ella averá o meio moio de trigo que por morte de cada hum delles ficar, exceito que falecendo o dito Fr^{CO} Carvalho primeiro que a dita sua molher Lioniza Correa ella avera o dito meio moio que por primeira morte de seu marido vagar¹⁶⁴, e por falecimento dos mais averá o quinhão de cada hũ a dita Izabel da Gama como dito he.

¹⁶³ Na margem, com outra letra: «Neste tempo que lhe rendia fermoso andaria em doze moios.»

¹⁶⁴ Na margem, com outra letra: «Faleceu Leoniza Correa a 15 de N° de 1632.»

It. Por sua morte faço e instituo pera sempre hũa capella com obrigação de doze missas rezadas cada hũ anno que se dirão por minha alma a primeira quarta feira de cada mez no altar da Igreja da Misericórdia desta çidade pera esmola das quaes missas lhe deixo todo o quinhão e dr^{ta} parte que tenho na herdade das Azinheiras acima declarado que me rende ora tres moios e vinte alqueires com suas pitanças como dito he, do qual quinhão e rendimento delle se pagará a esmola das ditas missas rezadas segundo costume deste Arcebispado e constituições ou determinações que pello tempo ordenarem e mandarem pagar, e paga a esmola das ditas mis [p. 4] sas todo o remaneçente dos ditos tres moios e vinte alqueires com suas pitanças se repartirá pelos pobres segundo instituição e ordenança da dita Misericórdia e confraria. E peço por amor de nosso Sñor a os Sñores Provedor e Irmãos queirão aceitar a administração da dita capella, e cõprir as obrigações della pela maneira sobredita.

It. Mando que de todo o outro quinhão e direita parte que tenho na herdade que se chama A Defeza e Brandoa que me rende ora quatro moios de trigo e dous de cevada com suas pitanças por morte da dita Izabel da Gama minha sobrinha como dito he, se paguem pera sempre tres merçeeiras que instituo e ordeno pera rezarem e rogarem a nosso Sñor por minha alma pera o qual effeito peço muito a os Sñores Provedor e Irmãos da Misericórdia elejão tres molheres que passem de quarenta, ou cincoenta annos, que sejam das mais nobres e honrradas que na cidade viverem, e que nunca fossem cazadas e sempre vivesem virtuosa e recolhidamente com boa fama e exêplo; as quaes todas tres e cada hũa dellas serão obrigadas estar pessoalmente presentes a primeira quarta feira de cada mes na dita Igreja da Misericórdia a o tempo que se disser a dita missa da minha Capella que cada mez mando dizer como acima declaro. E estarão com muita atenção e devação em quanto se disser a dita missa rezando por minha alma a Coroa do Rozairo de nossa Sñora e nove Ave Marias a honrra de sua glorioza Conceição, e as mais orações que tiverem devação. E por este trabalho e ministerio averão todas tres igualmente tanto hũa como outra os ditos seis moios e pitanças que me rende o dito quinhão, e direita parte da herdade [p. 5] da Defeza segundo pelas terças mais ou menos render. SS. por morte da minha sobrinha averão logo quatro moios e meio e todas as pitanças, e por morte das ditas Lioniza Correa e sua filha averão mais o moio que a ambas deixo sendo vivo o dito Francisco Carvalho, e por sua morte averão mais o meio moio que lhe deixo pela maneira que acima fica declarado, e assi acreçerá as ditas merçeeiras o meio moio que por morte de cada hũa das ditas pessoas ou de todas for vagando, porque minha tenção he que os ditos senhores Provedor e Irmãos partão igualmente pelas ditas tres merçeeiras os ditos seis moios e

pitanças e todo o mais rendimento da direita parte e quinhão da herdade da Defeza dando a cada hũa dellas *pro Rata* cada mes no dia em que se disser a dita missa o que lhe couber da dita renda e pitanças, e isso mesmo perderão quando não estiverem presentes a cada hũa das ditas missas que no dito dia se disser, salvo estando entrevadas ou doentes de tal infirmitade que impida estar pessoalmente presentes a dita missa, o que constara por certidão do fisico da caza, e testemunho de vista dos Irmãos da quadrela em que cada hũa das ditas molheres viverem. E o dito Sñor Provedor e Irmãos da dita Confraria encomendarão particularmente a o Irmão do mes tenha especial cuidado de apontar as ditas merçeeiras e saber se estão a dita missa com quietação atenção e devação pera com isso as mandarem contar ou descontar na parte que dos ditos seis moios e pitanças lhe cabia aver cada mes.

It. Por morte das ditas tres merçeeiras que primeiro forem eleitas ou de cada hũa dellas os ditos Sñor Provedor e Irmãos elegerão logo outras da mesma idade [p. 6] e calidades que cumprão a dita obrigação pela maneira sobredita e declarada. E assi elegerão sempre sucessivamente outras que pera sempre assistão rezando à dita missa o que dito he e pelo modo e maneira acima conteudo.

It. Quero que das ditas tres merçeeiras que se hão de eleger por morte da dita Isabel da Gama sejam duas dellas, hũa Miçia da Gama minha sobrinha e outra Dona Maria Coutinho freira em Santa Clara filha de Rui Casco¹⁶⁵ sendo vivas a o tal tempo; as quaes não serão obrigadas estar pessoalmente presentes à dita missa, e porem em qualquer lugar que estiverem serão obrigadas a rezar o conteudo neste testamento pello dito dia em que mando dizer a dita missa de minha capella; e a outra elegerão os ditos Sñores Provedor e Irmãos da Mizericordia como dito he. E quero que a parte que couber à dita dona Maria Coutinho seja pera seu particular uzo e remedio de suas necessidades; e não lhe permitindo seus superiores uzar do dito rendimento, em tal cazo os ditos Sñores Provedor e Irmãos elegerão em seu lugar outra merçeeira que pessoalmête cumpra as obrigações sobreditas.

It. Declaro que avendo molheres parentas de minha geração da idade e partes acima declaradas que queiram aceitar as ditas merçeerias sejam preferidas *cæteris paribus* às que não forem parentas e providas nas ditas merçeerias. E não se achando aver molheres que não fosem cazadas das partes, nobreza, idade, e calidades sobreditas, poderão eleger molheres viuvias nobres e honrradas das mesmas calidades, idade, e virtudes assi parentas como outras que o não forem. E pera cumprir todo o sobredito deixo por testamenteira e universal herdeira [p. 7] Izabel da Gama minha

¹⁶⁵ É legítimo supor que a filha de Rui Casco é prima de Joana da Gama, cujo pai, segundo Barbosa Machado, se chamava Manuel Casco.

sobrinha pelo amor e amizade que sempre della conheci e porque confio encomendará a nosso Sñor a minha alma e cumprira meu testamento com caridade e zelo que sempre em minhas cousas mostrou.

E por esta maneira hei por acabado minha çedola e testamento o qual mando que se cumpra em todo inteiramente como se nelle contem em juizo e fora delle porque esta he minha ultima e derradeira vontade, pelo que fiz este testamento, e o mandei tresladar desta letra e o assinei por minha mão em minhas cazas oje dezanove dias de junho de mil e quinhentos e oitenta e seis annos.

Joana da Gama

Aprovação

Saibão os que este estromento daprovação virem que no anno do nascimento de nosso Sñor Jesu Xpõ de mil e quinhentos oitenta e seis annos no primeiro dia de julho nas cazas da morada da Sñora Joana da Gama viuva que he nesta cidade na Rua de São Pedro estando ella dita Sñora Joana da Gama ahi presente assentada em seu estrado em todo seu juizo e entendimento logo que ella dita Sñora Joana da Gama foi apresentada a mi tabalião perante as testemunhas ao diante nomeadas esta sua çedola atras escrita a qual em suas mãos tinha e disse que a aprovava e avia por seu verdadeiro testamento, e mandava que faleçida ella da vida deste mundo fosse aberto por autoridade de justiça e tornado em publica forma, e que por elle e por este estromento revogava e contradizia todos os que antes desto aja feitos que não valhão e este aja inteiro effeito que he sua ultima vontade, e em testemunho de verdade outorgou este estromento e a dita çedola que todo fica cozeito com linha brancas.

Assinaturas de 7 testemunhas

E eu Pedro Borges tabaliam das notas.

[Cópia com data de 14 de Abril de 1597]

Do principio destas merciarías

Hũa Joana da Gama fez seu testamento o qual atras fica tresladado no qual instituyo tres merciarías na forma e com as declarações e condições nelle conteudas; as quais merciarías terião effeito depois da morte de sua sobrinha Isabel da Gama a quem deixou per sua herdeira. Esta Joana da Gama morreo aos vinte e hum dias de mes de setembro de mil e quinhentos e oitenta e seis annos. E conforme ao dito seu testamento foy enterrada na Igreja desta Mã da çidade de Evora. E possuindo Isabel da Gama toda a fazenda veyo a fallecer aos nove dias de abril deste presente anno de noventa e sete. Depois de [?] o fallecimento tratando o Pr^{or} e Irmãos de averem effeito estas merciarías mandaram ver per m^{tos} letrados o testamento de Joana da Gama. E depois de bem aconselhados fizeram o acorde adiante escrito. E ouveram por mercieiras ambas as parentas que a defunta nomeou, S. Dona Maria Coutinho freira em S. Clara desta cidade Evora, Micia da Gama sua sobrinha; e a terceira se proveo por eleição observandose tudo o que se assentou se fizesse. E porque Isabel da Gama tinha recolhido todos os frutos da herdade das mercieiras neste presente anno se assentou que comessassem a servir deste agosto que nem por diante de 97 pera aver ja frutos que se pudessem repartir conforme ao testamento da dita Joana da Gama. E pera que ouvesse sempre lembrança de todo o sobredito mandaram fazer este por mim, Balthasar de Faria Severim, escrivão este anno da Mã aos 3 de maio de 97

[A última merceeira que assinou no livro foi Maria das Dores Ferro de Carvalho, a 5 de Junho de 1908. A instituição fundada por Joana da Gama chegou a durar mais de trezentos anos, mas não sobreviveu à queda da monarquia em Portugal.]

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
NOTA À PRESENTE EDIÇÃO	23
DITOS DIVERSOS	27
TROVAS, VILANCETES E SONETOS, CANTIGAS E ROMANCES, AGORA NOVAMENTE FEITAS POLO MESMO AUTOR	69
DOCUMENTOS	93



ANNE-MARIE QUINT nasceu em 1941. Foi catedrática na Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris III onde leccionou língua e cultura de Portugal e do Brasil. Na sua tese de doutoramento estudou a *Imagem da Vida Cristã* de Frei Heitor Pinto. A área da sua pesquisa universitária abrange essencialmente os séculos XV a XVII em Portugal, mas também a literatura dos séculos XIX e XX em Portugal e no Brasil, e a tradução. Traduziu para francês Almeida Faria, Machado de Assis, poemas de Antero de Quental, Camões, Bernardim Ribeiro, peças de Gil Vicente, etc.